

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Educação
DOCEI – especialização em docência na Educação Infantil

Cristiane Diniz Oliveira

**INTERAÇÕES DAS CRIANÇAS DE QUATRO ANOS NO AMBIENTE DA
SALA DE ATIVIDADES: possibilidades e desafios**

Belo Horizonte

2013

Cristiane Diniz Oliveira

**INTERAÇÕES DAS CRIANÇAS DE QUATRO ANOS NO AMBIENTE DA
SALA DE ATIVIDADES: possibilidades e desafios**

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Docência na Educação Infantil.

Orientador: Rogério Correia da Silva

Belo Horizonte
FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UFMG
2013

Cristiane Diniz Oliveira

**INTERAÇÕES DAS CRIANÇAS DE QUATRO ANOS NO AMBIENTE DA
SALA DE ATIVIDADES: possibilidades e desafios**

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Docência na Educação Infantil.

Rogério Correia da Silva (Orientador) - Faculdade de Educação da UFMG

Belo Horizonte, 30 de novembro de 2013.

AGRADECIMENTOS

A todos que contribuíram para a realização deste trabalho, fica expressa aqui a minha gratidão, especialmente:

Às Professoras, funcionários e direção do CEMEI Bom Jesus pelo apoio e incentivo.

Às professoras Tânia Maria Araújo Coutinho e Fabiana Rodrigues de Araújo pela generosidade, coragem e disponibilidade.

Às crianças do CEMEI Bom Jesus, principalmente as da turma da Tulipa, pela participação, acolhimento e carinho.

À equipe de Educação Infantil da Secretaria Municipal de Educação de Contagem, principalmente à Lucimara Alves pela sensibilidade e contribuição.

Às minhas colegas de curso, pela rica troca de experiências.

A minha família: mãe, pai, irmãs, em especial a meu filho Gabriel e meu marido Kenner ,pelo incentivo e compreensão.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para esta construção.

Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas. Há de ser como acontece com o amor. Assim, as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores do que as outras pedras do mundo. Justo pelo motivo da intimidade (Manoel de Barros).

Fonte: GUIMARÃES, 2006,p.68

RESUMO

A presente pesquisa foi desenvolvida no intuito de investigar como a organização do espaço da sala de atividades influencia as interações das crianças de uma turma de quatro anos do CEMEI Bom Jesus em Contagem e propor mudanças na organização do ambiente da sala de atividades para que se torne mais desafiador e promova mais autonomia para as crianças, visando ampliar as possibilidades de interações e aprendizagens.

O espaço não é neutro, ele é socialmente construído e fruto das interações realizadas pelos atores que atuam no contexto da educação infantil. Desse modo, o ambiente interfere diretamente no processo de aprendizagem das crianças, podendo promover ou inibir o seu desenvolvimento, pois ajuda a organizar as funções motoras, sensoriais, simbólicas, lúdicas e relacionais.

Podemos inferir por meio dessa ideia que o espaço é um mediador, um educador, interlocutor, ele pode desafiar, instigar as crianças ao movimento, a produção de linguagens, possibilitar e contribuir para vivências e expressão de culturas infantis, jogos, brincadeiras e promover autonomia.

O objetivo desta pesquisa é analisar como as crianças de 4 anos do CEMEI Bom Jesus interagem no ambiente da sala de atividades e verificar como a mudança do espaço físico da sala de atividades pode interferir nas interações das crianças com o espaço, materiais e nas relações das pessoas: criança/criança e criança/adulto.

O processo de construção e análise dos dados ocorreu em três etapas: diagnóstico da realidade, intervenção no espaço físico da sala e verificação das mudanças ocasionadas após a intervenção. Baseando-se na abordagem qualitativa, utilizou-se de diversos instrumentos de coleta de dados como: observações, entrevistas e conversas com as professoras que atuam na turma, conversas com as crianças, desenhos das crianças, fotos, e filmagens. Além da contribuição dos principais autores que embasaram esta pesquisa como Froebel, Montessori, Zabalza e Fornero, Vygotsky, Wallon, Loris Malaguzzi, entre outros.

Constatou-se que a forma como o espaço da sala de atividades estava organizado, principalmente o fato de o espaço estar quase todo tomado por mesas e cadeiras, a falta de materiais variados em quantidade suficiente e acessíveis às crianças, o estado precário de conservação do ambiente e materiais, a falta de autonomia e a impossibilidade de movimentação causada pelo espaço pequeno e rígido, inibe as interações sociais e acabam dando testemunho de uma concepção de criança passiva, que induz o professor a práticas adultocêntricas.

Pode-se concluir que a nova organização da sala de atividades, mudou a dinâmica e a prática pedagógica das professoras que se mostraram mais flexíveis e sensíveis à escuta das crianças, tornando assim as atividades propostas muito mais significativas e enriquecedoras para elas, permitindo que façam escolhas tornando-se protagonistas do seu processo de aprendizagem, que ocupem os espaços de forma mais livre e espontânea e aumentando as possibilidades de interações entre as crianças. O espaço se tornou o outro educador, proporcionando a professora que auxilie as crianças que apresentam maior dificuldade ou necessitam de um tempo maior para concluí-las. As mudanças foram muito significativas, principalmente na construção da autonomia das crianças. Ter à disposição diversos materiais também permitiu à professora variar e trocar as atividades de acordo com a manifestação e interesse das crianças, tornando a rotina mais flexível.

Palavras chave: Educação Infantil. Interação. Espaço/ambiente.

SUMMARY

This research was conducted to investigate how the organization of space activities room influences interactions in a class of children's with four year old to CEMEI Bom Jesus, in Contagem city, Minas Gerais state, and propose changes in the organization of the room activities environment to become more challenging and promotes greater autonomy for children, aiming to expand the possibilities of interactions and learning. Space is not neutral it is socially constructed and is the result of interactions performed by actors who act in the context of early childhood education. Thus, the environment directly affects the learning process of children and can promote or inhibit the development, because it helps organize the motor, sensory, symbolic, recreational and relational functions. We can infer through this idea that space is a mediator, an educator, speaker, it can challenge, instigating children to move the production of the languages to facilitate and contribute experiences and expression of children's culture, games, jokes and promoting autonomy. The objective of this research is to analyze how children with 4 years old of Bom Jesus CEMEI interact in the environment of the activity room and see how changing the physical space of the room activities may interfere with children's interactions with space, materials and relationships of people: child / child and child / adult. The construction process and data analysis took place in three stages: diagnosis of reality, intervention in the physical space of the room and check the changes brought about after the intervention. Based on the qualitative approach, we used various instruments to data collect such as observations, interviews and conversations with teachers working in class, conversations with children's, children's drawings, pictures, and movies. In addition to the contribution of the main authors that supported this research as Froebel, Montessori, Zabalza and Fornero, Vygotsky, Wallon, Loris Malaguzzi, among others . It was discovery that the way the room activities space was organized, especially the fact that the space is almost entirely taken up by tables and chairs, lack of varied materials in sufficient quantity and accessible to children's, the precarious state of conservation environment and materials, lack of autonomy and the impossibility of movement caused by the small and hard space, inhibits social interactions and end up witnessing a passive conception of the child, which induces the teacher to practice turned to adults. We can be concluded that the new organizations activities room, changed the dynamics and pedagogical practices, when them the teachers showed more flexible and responsive to listening to children's and thus making the proposed activities more meaningful and enriching for them, allowing them to make

choices becoming protagonists of their learning process, who occupy the spaces more freely and spontaneously and increasing the possibilities of interactions among children's. The space became another teacher, providing the true teacher to assist children who are more difficult or require more time to complete them. The changes were very significant, especially in the construction of children's autonomy. To have several materials available also brought the possibility of listening to the needs of children's, enabling the exchange activities according to their interest and manifestation, making the routine more flexible.

Keywords: Children Education. Interaction. space/environment.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1-Planta baixa da sala da Tulipa.....	15
FIGURA 2- Foto da disposição dos materiais.....	26
FIGURA 3–Foto do espaço da sala.....	28
FIGURA 4–Foto do Espaço da sala.	29
FIGURA 5-Foto do centro da sala	30
FIGURA 6- Desenho do centro da sala.....	30
FIGURA 7-Desenho da sala.....	31
FIGURA 8- Foto da sala em abril de 2013	38
FIGURA 9- foto da sala em agosto de 2013.	38
FIGURA 10-Casinha de pano – mesa da professora.....	39
FIGURA 11-Cantinho do brinquedo	39
FIGURA 12-Bancada	40
FIGURA 13-Desenho da sala após a intervenção	42
FIGURA 14- Desenho da sala após a intervenção.....	42
FIGURA 15 -crianças brincando com acessórios e tecidos	45
FIGURA 16- crianças explorando livros e revistinhas.....	45
FIGURA 17 - crianças brincando com blocos de encaixe.....	46
FIGURA 18- Espelho, suporte para a brincadeira.....	47

LISTA DE QUADRO

QUADRO 1- proposta de intervenção	55
---	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	17
3 METODOLOGIA	22
3.1 A organização do espaço da sala no CEMEI Bom Jesus	25
<i>3.1.1 Espaço pequeno, apertado, feio e rígido: a visão das professoras e crianças.</i>	25
<i>3.1.2 Os arranjos espaciais limitam as interações, a movimentação e a autonomia das crianças.</i>	26
<i>3.1.3 Lugar nobre destinado a mesas e cadeiras: induz o professor a práticas adultocêntricas</i>	29
3.2 Realizando a intervenção	32
<i>3.2.1 Espaço flexível</i>	33
<i>3.2.2 Espaço relacional</i>	34
<i>3.2.3 Espaço instigador</i>	35
4 ANÁLISE DOS DADOS APÓS A INTERVENÇÃO	41
<i>4.1 O espaço se transforma em ambiente; lugar de experiências, relações, criações</i>	41
<i>4.3 A escuta as necessidades das crianças: as mudanças na prática pedagógica</i>	42
<i>4.4 Crianças se apropriam dos espaços e os resignificam, intensificando suas relações: criança-criança, criança- professora e criança- materiais.</i>	44
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS	51
APÊNDICES	53
ANEXOS	58

1 INTRODUÇÃO

O trabalho na Educação Infantil foi sempre muito prazeroso para mim, pois percebo que desta maneira posso vivenciar e experimentar a infância mesmo pertencendo à outra categoria social, a adulta. Guardo lembranças boas e inesquecíveis desse momento da vida tão especial e rico de experiências, desenvolvimento, aprendizagens e de vivências que nos constituem como sujeito, como humanos.

Iniciei minha trajetória profissional na área da educação quando optei pelo curso de magistério no ensino médio no Instituto de Educação, após me formar trabalhei em uma escola de educação infantil por um ano com crianças de 4 e 6 anos, posteriormente ingressei no curso de pedagogia na Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais. Nesse período trabalhei como auxiliar de biblioteca em uma escola Municipal de Betim, e também em uma escola de Belo Horizonte. Em Julho de 2004 tomei posse do cargo de educador infantil em uma escola com turmas de educação infantil em Belo Horizonte onde atuei como professora de uma turma de 4 anos por apenas 6 meses.

Iniciei um novo trabalho em fevereiro de 2005 no cargo de Pedagoga em Contagem. Trabalhei por quatro anos com turmas de 1º ciclo na alfabetização. Em 2009, solicitei transferência para a educação infantil, trabalhei por dois anos em uma instituição que atendia a crianças de 0 a 3 anos em período integral me deparei com grandes desafios principalmente ligados ao espaço físico, pois é um prédio da comunidade que não foi projetado para atender crianças e suas necessidades. Posteriormente iniciei um trabalho não CEMEI Bom Jesus.

Em Contagem existem dois padrões para a construção de centros municipais de Educação Infantil: o modelo número 1, que é constituído por apenas um pavimento e o modelo número 2, que é composto por pavimentação dupla. Esta Instituição foi arquitetada adotando o modelo 2, que é o mais adequado para terrenos de pequenas dimensões como é o caso do local cedido para a construção do CEMEI Bom Jesus.

O Centro Municipal de Educação Infantil Bom Jesus “Rosa Maria Junqueira Campos Teobaldo” está situado à Rua Melão, nº 33, bairro Bom Jesus, município de Contagem, na região do Nacional.

Este CEMEI foi construído devido à organização dos moradores e do Orçamento Participativo do bairro Bom Jesus e bairros próximos, onde até então não havia escolas públicas que atendessem a crianças de zero a cinco anos. Além disso, sua construção também faz parte do Programa Municipal de Educação Infantil do município de Contagem.

Este ano o CEMEI Bom Jesus atende aproximadamente, 300 crianças com idade entre 3 a 5 anos somente em horário parcial, em dois turnos : manhã (das 07h00min às 11h30min horas) e tarde (das 13h00min às 17h30min). Atendendo a 14 turmas, 3 turmas de 04 anos e 4 turmas de 05 anos no período da manhã e 1 turma de 03 anos, 4 turmas de 4 anos e 2 turma de 05 anos à tarde.

Os profissionais que atuam diretamente com o grupo de educandos com idade de 3 anos são as Agentes de Educação Infantil, a elas é exigido a formação em ensino médio. Já as crianças de 4 e 5 anos ficam sob a responsabilidade da equipe de Professor da Educação Básica (PEB I) cuja formação exigida é o ensino superior em pedagogia ou normal superior. Essas crianças também são atendidas indiretamente pelos demais funcionários da instituição que correspondem a 4 auxiliares de serviço 1 secretária, 2 pedagogas, 1 diretora, 2 agentes de serviço escolar, 2 cantineiras da empresa Nutriplus.

O quadro de funcionários na instituição deve considerar o número de crianças matriculadas por faixa etária de acordo com a resolução 16, de 16/11/2010 do Conselho Municipal de Educação de Contagem:

Considerando um (a) professor(a) para cada grupo de :

- até 06 (seis) crianças de 0 (zero) a 01 (um) ano de idade;
- até 10 (dez) crianças de 01 (um) a 02 (dois) anos de idade;
- até 16 (dezesesseis) crianças de 03 (três) anos de idade;
- até 20 (vinte) crianças de 04 (quatro) anos de idade;
- até 24 (vinte e quatro) crianças de 05 (cinco) anos de idade.

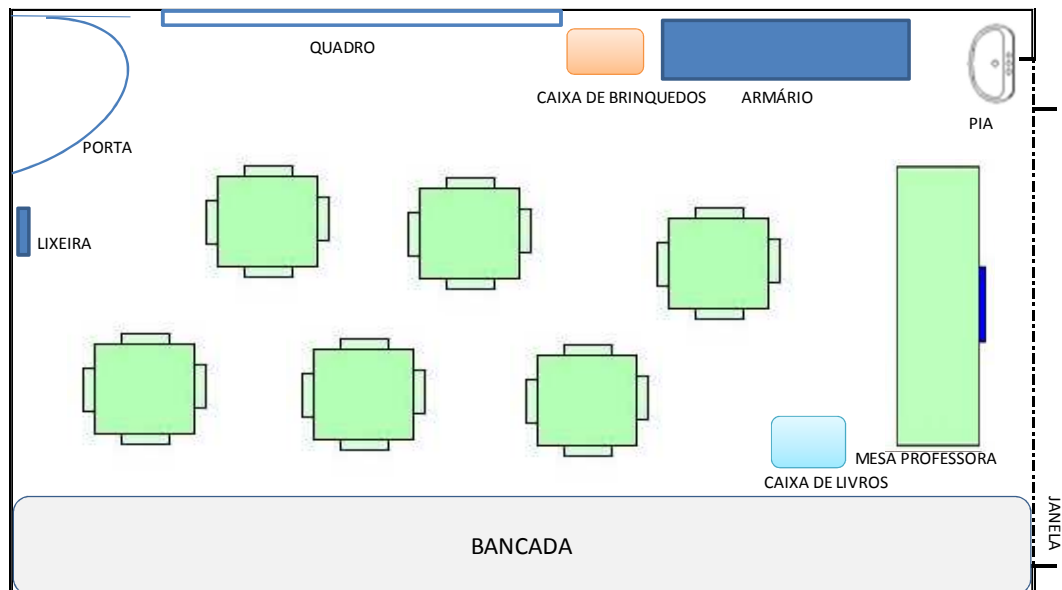
O CEMEI Bom Jesus apesar de ter sido construído recentemente em 2009 apresenta vários problemas relacionados ao espaço físico como a sala dos professores que não comporta o número de profissionais, não há espaço amplo coberto para dias de chuva e muito calor, não há espaços destinados à recepção dos familiares das crianças, o refeitório também não comporta a quantidade de crianças da instituição sendo necessário dividi-las em pequenos grupos, não há um espaço para organizar uma brinquedoteca, as salas de atividades são muito pequenas para a quantidade de crianças, os materiais são insuficientes. , a organização do ambiente da sala de atividades se espelham no modelo de Ensino Fundamental, com mesas ocupando grande parte da sala, material inacessível às crianças e pouca utilização do espaço externo.

Nesta pesquisa gostaria de focar o meu olhar no espaço interno da sala de aula, que em Contagem chamamos de sala de atividades de uma turma de 04 anos, pois é nesse ambiente que as crianças passam a maior parte do tempo, propor uma intervenção nesse ambiente pensando em possibilidades de proporcionar maior flexibilidade desse espaço, facilitando sua reorganização em diferentes atividades desenvolvidas e proporcionando maior autonomia e interação das crianças.

A turma escolhida é a turma da Tulipa. É constituída por 20 crianças de 4 anos que estão vivendo sua primeira experiência escolar, a sala é utilizada no turno da manhã por 24 crianças de uma turma de 5 anos. O espaço físico desta sala de atividades é quase todo tomado por 6 mesas com 4 cadeiras cada e muitos materiais são inacessíveis às crianças como lápis de cor, tintas, cadernos ficam guardados dentro ou em cima do armário, alguns materiais ficam no alto próximo as janelas, a mesa da professora ocupa um espaço muito grande, há caixas de livros e brinquedos no chão e uma bancada lateral que as crianças usam para guardar as mochilas, e as professoras para guardar alguns materiais como cadernos, pasta do portfólio, e caixas com alguns jogos, sucata e papéis. A sala não tem espelho, nela há uma pia para higiene das mãos, em uma das paredes há uma lousa e na lateral uma janela grande que dá visibilidade para o lado de fora. A sala fica de frente para o refeitório, há muito barulho nos momentos de alimentação e recreio das crianças da Instituição.

Nas paredes estão fixados a chamada com o nome das crianças do turno da manhã e do turno da tarde, o alfabeto, os combinados do 2º turno e os numerais de 0 a 9 com um bolsinho em baixo de cada numeral para as crianças colocarem objetos fazendo a correspondência entre numeral e quantidades, e também um mural para afixar a rotina das crianças onde cada dia da semana é de uma cor.

FIGURA 1-Planta baixa da sala da Tulipa.



Fonte: Dados da Pesquisa em abr. 2013.

Devido à falta de verbas, a sala de atividades tem poucos materiais e raramente o mobiliário é removido do lugar. Quando as crianças brincam de faz de conta ou com jogos normalmente o fazem assentados nas cadeiras ou no chão. O espaço é pouco desafiador e não proporciona a construção da autonomia pelas crianças.

Nesse contexto, como podemos organizar o espaço da sala de atividades respeitando as necessidades das crianças e suas especificidades, de forma coerente as concepções de criança competente, autônoma e protagonista do seu processo de aprendizagem? Como decentralizar a figura do professor através da organização do ambiente e promover interações e experiências significativas para as crianças proporcionando seu desenvolvimento pleno?

Proponho então investigar como a organização da sala de atividades influencia as interações das crianças de uma turma de 4 anos do CEMEI Bom Jesus, a partir dessas observações propor mudanças na organização do ambiente da sala de atividades para que se torne mais desafiador e promova mais autonomia para as crianças, visando ampliar as possibilidades de interações e aprendizagens e verificar como a mudança do espaço físico da sala de atividades pode interferir nas interações das crianças com o espaço, materiais e nas relações das pessoas: criança/criança e criança/adulto.

Minha hipótese é que a falta de organização do espaço físico e do ambiente e a definição de uma rotina costumeira e rígida, seja pela estrutura física precária, pela falta de

verbas ou investimento na formação das professoras, empobrece as experiências vivenciadas pela criança na Instituição e conseqüentemente suas interações e aprendizagens.

A reorganização espacial e dos materiais, considerando as necessidades das crianças favorecerá o processo de socialização e autonomia. Quando o ambiente é favorável, as relações entre adulto-criança, criança-criança e criança- espaço/ambiente tornam-se mais frequentes, o que contribui para o seu processo de crescimento e desenvolvimento integral.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A discussão sobre a organização dos espaços nas instituições de educação infantil vem sendo construída historicamente e teve a contribuição de diversos educadores e teóricos como Froebel, Montessori, Zabalza e Fornero, Vygotsky, Wallon, Loris Malaguzzi, entre outros.

Desde meados do século XIX surgiram referenciais teóricos sobre a organização do espaço como componente do currículo e que interfere na aprendizagem e desenvolvimento das crianças.

Surgiram sistemas de educação que questionaram o modelo de escola tradicional centrado no adulto que transmitia os conhecimentos e os espaços eram organizados por carteiras enfileiradas e móveis fixos.

Friedrich Froebel (1782-1852) citado por Haddad e Horn (2011) acreditava que a criança era um todo orgânico que se desenvolve através da atividade criativa de acordo com as leis naturais. Para ele a aprendizagem das crianças acontecia através da ação e era o resultado de sua vida ativa, ou seja, dependia da interação do sujeito com os objetos e outras pessoas e não da transmissão de conhecimentos.

Compreendia a educação como três elementos: atividade, expressão e relação, sendo assim criou um método que organizava os espaços internos e externos das escolas para oportunizar as crianças trabalhar e expressar ativamente, de forma individual e em grupo. Ele acreditava que a escola para crianças pequenas deveria ser um lugar onde as crianças pudessem ter um contato íntimo com a natureza, conviver com animais, plantas e mexer na água e na terra.

Baseada nas ideias de liberdade, atividade e independência, Maria Montessori (1870-1952) médica italiana desenvolveu no final do século XIX e início do século XX, uma metodologia para trabalhar com crianças pequenas baseada nos cuidados físicos e a educação dos sentidos, que permitia a manifestações livres das crianças. Sua proposta se contrapôs na época a mobiliários fixos, disciplina rígida pautada a disciplinar e controlar os corpos das crianças. Sua metodologia era disciplinar pelo trabalho e atividades onde as crianças se movimentavam livremente e podiam escolher o que queriam fazer. Desse modo havia uma preocupação em organizar o espaço onde as crianças pudessem se descentralizar da figura do adulto e o controle passa do educador para o ambiente.

Nessa perspectiva os materiais eram especialmente construídos para desenvolver todos os sentidos e noções espaciais, no espaço interno da sala realizavam-se atividades como desenhar, modelar e de reprodução das atividades domésticas como lavar, passar e cozinhar.

Tanto na ideia de Froebel e Montessori, a figura do educador era de intermediador das ações pedagógicas onde a organização do espaço, jogos, brinquedos e materiais diversos traduziam o que as crianças podiam fazer ao interagirem com eles, pois concebiam que a organização do espaço e dos materiais interferem significativamente no desenvolvimento das crianças.

Os autores espanhóis Zabalza e Forneiro(1998), fazem uma distinção entre espaço e ambiente mas deixam claro que são conceitos diretamente ligados: o termo espaço refere-se aos locais onde as atividades são realizadas e contém objetos, móveis, materiais didáticos, decoração. Enquanto ambiente como o conjunto desse espaço e as relações que se estabelecem nele. Sendo assim, envolvem os afetos, e as relações interpessoais das pessoas envolvidas no processo, adultos e crianças. Desse modo não se considera somente o meio físico e material mas também as interações que se produzem nesse meio.

É um todo indissociável de objetos, odores, formas, cores, sons e pessoas que habitam e se relacionam dentro de uma estrutura física determinada, que contém tudo e que, ao mesmo tempo, é contida por esses elementos que pulsam dentro dela como se tivessem vida. (HADDAD;HORN,2011,p.45).

Nesse processo o espaço vai se tornando uma dimensão fundamental do currículo, pois a organização do ambiente oportuniza a criança a experimentação, promove interações, possibilita fazer escolhas, tomar decisões, participando ativamente dos processos pedagógicos.

Pode-se dizer que o ambiente fala, transmite sensações, evoca recordações, passa segurança, ou inquietações, mas nunca nos deixa indiferentes.

Sendo assim as concepções de criança vista como incompleta e em necessidade de lugar a concepção de criança completa, defendida por Loris Malaguzzi(1920-1994), idealizador da abordagem educacional das escolas de Reggio Emília onde a criança é vista como “rica em potencial, forte, poderosa, competente e acima de tudo, conectada aos adultos e as outras crianças” e o ambiente é visto como um outro educador, tamanha a sua importância.

Desse modo as crianças são sujeitos de sua própria ação onde o espaço tem múltiplas dimensões: a física, a funcional, a temporal e a relacional, se consolidando como um elemento do currículo que pode favorecer as aprendizagens e o desenvolvimento das crianças. Loris Malaguzzi, com relação a organização do espaço, afirmava:

Valorizamos o espaço devido seu poder de organizar, de promover relacionamentos agradáveis entre as pessoas de diferentes idades, de criar ambientes prazerosos, de oferecer mudanças, de promover escolhas de atividades, e devido ao seu potencial para iniciar qualquer espécie de aprendizagem social, afetiva e cognitiva. Tudo isso contribui para uma sensação de bem estar e segurança das crianças. Também pensamos que o espaço deve ser uma espécie de aquário que espalha as ideias, os valores, as atitudes e a cultura das pessoas que vivem nele.(MALAGUZZI, 1920-1994).

Na perspectiva psicológica, Wallon(1989) e Vigotski(1984) trazem grandes contribuições sobre a importância do meio social no desenvolvimento humano onde o indivíduo faz parte desse processo e aprendem pela interação e imitação. A partir da perspectiva sócio histórica de desenvolvimento eles relacionam afetividade, linguagem e cognição com as práticas sociais. Desse modo o meio social é um fator preponderante para o crescimento dos indivíduos.

Desse modo a forma como organizamos o espaço interfere significativamente na aprendizagem e na formação da pessoa, tanto pode favorecer ou inibir. As crianças serão cada vez mais autônomas e irão expressar seu potencial à medida que a organização do espaço seja desafiador, possibilite troca entre pares, façam escolhas e tomem decisões.

Neste contexto vão surgindo à necessidade de reinterpretar o papel do adulto no processo pedagógico conferindo-lhe um protagonismo mais indireto já que agora a criança é o centro desse processo e o professor um observador atento, aberto ao protagonismo infantil e a situações imprevistas.

Para Wallon, o grupo social é indispensável à criança, não somente para a sua aprendizagem social, mas também para o desenvolvimento da tomada de consciência de sua própria personalidade. Através da interação a criança consegue perceber que é uma entre outras e que ao mesmo tempo, é igual e diferente delas. Esse teórico afirma também que a tonicidade muscular e postural deverão ser estimuladas, ou seja as crianças precisam de espaço para se movimentar com amplitude. Quanto mais desafiador for o espaço e o ambiente, mais interações serão possíveis entre as crianças, construindo-se deste processo aprendizagens significativas.

O espaço e as atividades desenvolvidas nele refletem as relações de poder que acontecem entre crianças e professor, é possível identificar a autonomia das crianças quando observa-se sua ação intencional, seu movimento pleno e sua motivação criativa, se relacionando com um adulto que acolhe e observa.

Para Vygotsky o desenvolvimento humano é uma tarefa conjunta e recíproca. O papel do adulto é o de parceiro mais experiente que promove, organiza e provê situações em que as interações das crianças, entre si e com o meio, sejam provedoras de desenvolvimento.

Maria das Graças Souza Horn é uma das autoras que discutem o tema espaço e ambiente na atualidade, para ela:

o espaço reflete a cultura das pessoas que nele vivem, seus hábitos, valores, costumes, tradições. Assim, o ambiente escolar deve ser organizado para atender às crianças na faixa etária de 0 a 5 anos como um lugar que é composto por gostos, toque, sons e palavras, regras de uso, luzes e cores, cheiros, mobílias, equipamentos e ritmos de vida. O espaço físico e social é fundamental para o desenvolvimento das crianças, pois, ajuda a estruturar, organizar as funções motoras, sensoriais, simbólicas, lúdicas e relacionais (BARBOSA, S.C.M.; HORN, S.G.M. 2001)

As diretrizes curriculares nacionais 2009 orienta que o eixo norteador do trabalho na Educação Infantil deve ser as brincadeiras e as interações.

É importante então refletir essas práticas e valorizar, fomentar e organizar na instituição contextos que sejam significativos para as crianças , que as coloquem em relação uma com as outras que desafiem sua interação com diferentes materiais e que as professoras tenham as crenças de que os espaços são potencialmente promotores de brincadeiras e da interação.

O contexto social em que a Instituição está inserida, o currículo proposto, as atividades decorrentes, os materiais e os equipamentos disponíveis interferem na organização e definição das rotinas.

BARBOSA, (2006), define rotina como um dos elementos do cotidiano, segundo ela,

“As rotinas podem ser vistas como produtos culturais criados, produzidos e reproduzidos no dia -a -dia, tendo como objetivo a organização da cotidianidade”. (BARBOSA, 2006, p. 37)

... em contraposição à rotina, o cotidiano é muito mais abrangente e refere-se a um espaço-tempo fundamental para a vida humana, pois tanto é nele que acontecem as atividades repetitivas , rotineiras, triviais, como também ele é o lócus onde há a possibilidade de encontrar o inesperado, onde há margem para a inovação...(BARBOSA, 2006,p. 37) .

O espaço não é neutro, ele é socialmente construído e fruto das interações realizadas por todos os autores que atuam nos contextos de educação infantil, por isso, ao pensar e escolher como organizar o tempo e o espaço para promover situações de aprendizagem às crianças revela-se quais as concepções de criança acredita-se.

Na proposta pedagógica do CEMEI Bom Jesus está registrado e é consenso da maioria das professoras da Instituição, que as crianças são consideradas por inteiro, sujeitos pensantes,

dotados de inteligência e especificidades, e capazes de construir seu conhecimento por meio da interação com os seus pares e o meio que os cerca.

Um dos aspectos que interfere diretamente na aprendizagem das crianças é a organização do espaço e materiais, eles podem promover ou inibir o desenvolvimento das crianças, pois, a relação da criança com o espaço e com outras crianças promove aprendizagens.

Partindo desse entendimento o espaço é um mediador, um educador, interlocutor, ele pode desafiar, instigar as crianças ao movimento, a produção de linguagens, possibilitar e contribuir para vivências e expressão de culturas infantis, jogos, brincadeiras, promover autonomia, colocando a criança como centro do processo educativo sendo ela protagonista do seu processo de aprendizagem quando tem a possibilidade de tomar decisões, fazer escolhas e expressar seus desejos.

O Ministério da Educação orienta nas Diretrizes Curriculares Nacionais as escolas com relação a organização do espaço:

...é preciso haver a estruturação de espaços que facilitem que as crianças interajam e construam sua cultura de pares, e favoreçam o contato com a diversidade de produtos culturais (livros de literatura, brinquedos, objetos e outros materiais), de manifestações artísticas e com elementos da natureza. Junto com isso, há necessidade de uma infra-estrutura e de formas de funcionamento da instituição que garantam ao espaço físico a adequada conservação, acessibilidade, estética, ventilação, insolação, luminosidade, acústica, higiene, segurança e dimensões em relação ao tamanho dos grupos e ao tipo de atividades realizadas. (BRASIL, CNE/CEB, 2009)

É preciso, portanto ao organizar espaços na instituição, buscar atender as necessidades afetivas, fisiológicas, de socialização e de construção da autonomia das crianças e propiciar desafios, descobertas e possibilidades de a criança estabelecer muitas e variadas relações, criando situações de interação entre criança-criança e entre professor e crianças; de brincadeiras; de desenvolvimento da identidade; de garantia de segurança e confiança; de oportunidades de se auto-organizarem; de vivência de relações éticas e sociais como identidade, cooperação e lidar com a diversidade; de ampliação das sensações e movimentos; de desenvolvimento das linguagens e da imaginação; de incentivo à curiosidade e à exploração do mundo físico e social.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa de intervenção foi baseada na abordagem qualitativa e realizada no período de Abril a Setembro de 2013.

Para investigar como as crianças interagem no espaço da sala de atividades da turma da Tulipa e propor mudanças na organização do ambiente da sala de atividades para que se torne mais desafiador, promova mais autonomia e amplie as possibilidades de interações e aprendizagens das crianças, utilizei diversos instrumentos de coleta de dados como: observações, entrevistas e conversas com as professoras que atuam na turma, conversas com as crianças, desenhos das crianças, fotos, e filmagens.

Esses instrumentos foram utilizados em duas etapas distintas: antes da intervenção para diagnosticar a realidade e compreender o que as crianças e professoras necessitavam e após a intervenção para verificar quais os resultados as mudanças no ambiente da sala trouxeram para as professoras e nas interações das crianças.

Na primeira etapa para diagnosticar como as crianças compreendiam e representavam o ambiente da sala de atividades, e também buscar identificar como as crianças gostariam que a sala de atividades fosse organizada, pedi a elas que fizessem um desenho da sala. Duas semanas depois, selecionei aleatoriamente cinco crianças da turma, e ficamos na sala enquanto o restante da turma estava na sala de vídeo. Pedi a elas que ouvisse a música “A Casa” de Vinícius de Moraes, mostrei imagens de diversos ambientes da casa como a cozinha, sala e quarto, dialoguei com elas sobre o que compõe esses ambientes e porque elas acham que tem esses objetos e não outros. Posteriormente perguntei a elas como é a sala de atividades hoje e como deveria ser a sala de atividades do CEMEI, quais objetos e para que eles deveriam estar lá. Solicitei às crianças que fizessem um desenho dessa sala. À medida que as crianças iam terminando os desenhos, conversei com elas individualmente, perguntando e registrando em seu desenho o que haviam desenhado e o que mudariam na sala.

Realizei uma entrevista com as duas professoras que atuam na turma, uma como referência e a outra como “apoio” onde busquei verificar suas concepções de criança e de aprendizagem, como viam o espaço da sala e suas relações com as interações entre criança-criança, criança-espaço, criança-adulto e criança- materiais e levantar as possibilidades de mudanças desse espaço.

Através da observação participante, pude acompanhar diferentes momentos da rotina da turma e realizei o registro dessas observações através de filmagens, fotos e registros

escritos. Foquei o meu olhar buscando responder: Como interage criança-criança? Como interage criança- professora? Como interagem criança espaço e materiais? As crianças tem acesso aos materiais? Como as crianças exploram o espaço da sala? Quais são as necessidades das crianças? Para isso fiz um roteiro de observação o qual pude acompanhar a turma uma hora por dia em horários diferentes, durante três semanas e um dia completo, do momento da entrada até o momento da saída.

Após diagnosticar e analisar esses dados elaborei uma proposta de intervenção no espaço da sala de atividades. Apresentei a proposta de intervenção para a direção, pedagoga do turno da manhã e para as professoras que atuam na turma no turno da tarde e no turno da manhã.

Realizamos algumas discussões e reflexões a respeito da importância da organização do espaço atender as necessidades das crianças pequenas e elaboramos algumas estratégias para a organização da nova rotina, buscando entender quais as demandas essa nova organização irá gerar na organização do trabalho com as crianças, como por exemplo:

- Possibilitar o acesso das crianças aos materiais de forma progressiva, começar com um ajudante do dia, um ajudante por mesa, etc.
- Ao organizar os cantinhos, deixar que as crianças explorem um cantinho de cada vez, começar com duas alternativas de atividades para escolha e ir aumentando progressivamente,
- Utilizar com mais frequência outros espaços da Instituição como o refeitório, área externa e sala de vídeo.
- Acreditar que as crianças são capazes e competentes.
- Estar abertas a possibilidade de maior movimentação das crianças dentro da sala.
- Estar abertas a possibilidade de as crianças estarem fazendo coisas diferentes em um mesmo momento.
- Criar situações de revezamento quando propuser uma atividade de registro nas mesas.
- Reorganizar a rotina, criando momentos onde as crianças possam fazer escolhas e tomar decisões.
- Construir novas regras com a turma de uso e cuidados para com os materiais e o espaço da sala.
- Desenvolver trabalhos coletivos em duplas, trios, etc.

Posteriormente apresentei a proposta de intervenção para as crianças na roda de conversa, mostrando a elas alguns materiais que seriam utilizados para reorganizar a sala

como: papel de parede, varal, caixas transparentes, tatame colorido de emborrachado e casinha de pano, fantasias e fantoches) e propondo que participem desta nova organização do ambiente confeccionando os móveis e desenhando no espaço que será reservado a elas na parede. Nesse momento as indaguei sobre o que pensavam sobre as mudanças propostas e se tinham alguma sugestão.

Como a escola não dispunha de verba para adquirir os materiais necessários para a realização da intervenção no espaço, apresentei a proposta de intervenção aos pais das crianças e solicitei a participação das famílias na aquisição de alguns materiais como: fantasias, blusões usados para pintura, tampinhas, sementes, botões, revistinhas em quadrinhos, etc. Enviei um ofício à Secretaria de Educação de Contagem, solicitando o envio de materiais como: tatames, jogos de encaixe e construção, brinquedos, fantoches, instrumentos musicais, cds, fantasias, etc.

Solicitei a direção da escola que adquirisse um espelho e um som para a sala. O restante dos materiais como papel de parede, os materiais para pintura da sala, a casinha de pano, as caixas, vasilhames, gaveteiro, pufe baú, cabideiro, ganchos para mochilas e prateleira para som, varal e pregadores para expor as produções das crianças, entre outros, foram adquiridos por mim.

No recesso de julho realizei as mudanças do espaço físico da sala de atividades. Em Agosto iniciei a segunda etapa de coleta de dados com o objetivo de verificar o que mudou na interação das crianças após a intervenção do espaço. Utilizei-me dos mesmos instrumentos de coleta de dados para que me possibilitasse comparar as diferenças e semelhanças entre os dados obtidos. Nos desenhos das crianças da sala de atividades, buscava colher elementos que foram incorporados à nova organização da sala e também os que estavam ausentes. Dialoguei com as crianças e registrei em seus desenhos o que haviam desenhado.

Na entrevista com as professoras procurei compreender o que tinha sido mais significativo nas mudanças e como elas percebiam a potência educadora do espaço.

Já nas observações busquei focar minha atenção em quais as possibilidades de interação esta nova organização da sala de atividades proporcionou para as crianças e professoras. Durante os meses de agosto e setembro, realizei uma hora de observação durante duas semanas em horários diferentes para acompanhar os diversos momentos da rotina das crianças.

Para realizar essa pesquisa encontrei grandes desafios, pois era difícil conciliar o trabalho e a pesquisa, como ocupo um cargo de coordenação, fui interrompida diversas vezes

para atender às demandas da escola, outro aspecto relevante, foi o fato de as intervenções necessitarem de recursos financeiros e mão de obra, o que foi dispendioso para mim.

Outro desafio foi a dificuldade em manter um distanciamento nos momentos de observação, pois eu e as crianças já tínhamos vínculos afetivos consolidados, dessa maneira as crianças se comunicavam comigo a todo o momento pedindo para tirar fotos delas, ver o que eu estava fazendo ou escrevendo, contando fatos ocorridos, pedindo que intervisse nos momentos de conflito, etc.

3.1 A organização do espaço da sala no CEMEI Bom Jesus

3.1.1 Espaço pequeno, apertado, feio e rígido: a visão das professoras e crianças.

Nesse item apresento o diagnóstico e descrição da organização do espaço da sala da Tulipa, pontuando o que chamou minha atenção na observação e destacando o que considerei mais relevante no depoimento das professoras e crianças.

A forma como os espaços das salas de atividades na Educação Infantil estão organizados, nos revela as concepções de criança, desenvolvimento e aprendizagem e Instituição de Educação Infantil.

Em minhas primeiras observações na sala da tulipa percebi como aquela organização do espaço dava testemunho de uma concepção de criança passiva, onde os conhecimentos se dariam através da transmissão de conhecimentos e que não considerava as especificidades das crianças.

Vários aspectos chamaram a minha atenção, primeiramente o estético, pois as paredes da sala estavam muito sujas e descascadas, na bancada, vários materiais estavam guardados como caixas de papelão de diversos tamanhos, algumas pintadas, outras não, dentro delas havia revistas, cartinhas, folders, jornais, mas as crianças raramente utilizavam esses materiais. Havia também uma caixa com tampa bem desgastada com livros de literatura, portfólios, cadernos e mochilas das crianças. Na figura 2 pode-se observar que em cima do armário da professora estavam diversos materiais empilhados, como pastas, caixas, folhas, brinquedos quebrados, livros rasgados, régua, sucatas, etc. os brinquedos ficavam em dois recipientes uma caixa e uma lixeira grande e se encontravam em péssimo estado de conservação, a maioria quebrados e eram de quantidade insuficiente para as crianças.

FIGURA 2- Foto da disposição dos materiais



Fonte: Dados da Pesquisa em abr.2013.

Outro aspecto muito evidente na observação e nas falas das professoras era a falta de materiais variados como jogos de encaixe, de montar e empilhar, e poucos brinquedos, o que reduzia e empobrecia as possibilidades de manipulação, criação e de diversificação das atividades oferecidas às crianças.

As professoras diziam que sentem necessidade de reorganizar o espaço, principalmente nas atividades livres, faz de conta, rodinha, pintura, percebem que o espaço não é adequado, as crianças reagem pulando nas cadeiras, subindo em cima das mesas. Preferem usar outros espaços da instituição como o espaço do refeitório que é maior, ou o pátio pois o espaço da sala é muito inflexível .

Esse espaço rígido, dominado por mesas e cadeiras impediam a movimentação das crianças, além disso, a produção das crianças estava ausente no ambiente da sala, tudo era colado no caderno, ou arquivado no portfólio.

3.1.2 Os arranjos espaciais limitam as interações, a movimentação e a autonomia das crianças.

Se compararmos uma sala de aula de Educação Infantil com uma do ensino fundamental, podemos observar que, o que mais as difere são as carteiras e cadeiras. Na educação infantil

são mesas coletivas onde assentam quatro crianças enquanto que no ensino fundamental são carteiras individuais que normalmente ficam dispostas uma atrás das outras.

Apesar dessa diferença, vemos que a prática pedagógica se mantém a mesma, ou seja, somente a disposição das carteiras não muda a forma de conduzir a prática docente centrada no professor, que valoriza o trabalho individualizado e o controle dos corpos e da disciplina das crianças, um dos exemplos disso foi relatado pela professora na entrevista, quando foram indagadas sobre como as crianças se relacionavam no espaço da sala, relatam que fizeram um mapa de sala com o objetivo de definir aonde cada criança iria se assentar e separar algumas crianças muito falantes ou agitadas para evitar indisciplina, apesar de uma delas reconhecer e observar que as crianças gostam de se agrupar por amizade, isso é desconsiderado pela professora:

“As crianças tem os grupinhos, já começa desde cedo né, então, eles procuram sentar nas cadeiras de acordo com a amizade que eles tem com as outras crianças, as meninas todas, não sei se você observou, tentaram sentar juntas e a gente fez um mapa de sala e colocou uma em cada mesinha, essa é a vantagem de ter seis mesas, e deu para separar bem as meninas, porque elas são boas de serviço mas são muito falantes, e pertinho uma da outra, agente não consegue trabalhar, se elas sentarem juntas, tem sempre rivalidades, vira aquele papo de não ser amiga, fazem esses grupinhos, se relacionam bem, mas sempre tem aquelas desavenças, eles ainda batem, mechem com o outro, coisa normal de criança que agente vai tentando com as intervenções ajudar...”

(Professora A)

“São super agitados, eles não se concentram por muito tempo, sempre tem que mudar de brincadeira, sempre tem que mudar de atividade, agente tenta organizá-los fazendo mapa de sala e eles sempre mudam de lugar eles são agitados, mapa da sala é bom para trabalhar o nome quando etiqueta as mesinhas, eu vou falar a verdade, tira dois alunos que atrapalham a aula o tempo todo, e em alguns momentos eles podem ficar separados, é isso.”

(Professora B)

As professoras quando dizem sobre as interações das crianças na sala, justificam o mapa de sala tanto para fins de trabalhar conteúdos: “mapa da sala é bom para trabalhar o nome quando etiqueta as mesinhas”, e também e principalmente, para evitar a indisciplina das crianças “ se não agente não consegue trabalhar” e “tira dois alunos que atrapalham a aula o tempo todo” pois acredita-se que é necessário dar aulas e transmitir conhecimentos e para isso as crianças deveriam estar assentadas, e ouvindo a professora cada uma em sua cadeira.

Apesar das professoras relatarem na entrevista que a organização da sala de atividades é péssima, o espaço físico é pequeno e apertado, e dizerem acreditar que as crianças

necessitam de espaço para se locomover dentro de sala, fica evidente a dificuldade que elas têm em trabalhar com corpos em movimento, atender as necessidades das crianças de autonomia e interação com seus pares. A sala tomada por mesas e cadeiras já é um limitador desse movimento, somando isso à construção de um mapa de sala que pré-define onde cada criança deveria assentar-se e manter-se durante quase todo o período de aula e perto de quais crianças, reforça ainda mais esse controle do corpo e do movimento das crianças, limitando suas possibilidades de aprendizagem.

Os arranjos espaciais não permitem a interação entre as crianças, impossibilitando sua apropriação dos espaços. As professoras afirmam que a organização do espaço é péssima e seu tamanho é insuficiente, e que o espaço tem influência direta na aprendizagem e no comportamento das crianças. Elas atribuem ao espaço, a dificuldade para fazer rodinhas de conversa, brincadeiras, jogos. Segundo elas, as crianças sentem-se incomodadas, ficam agitadas e reclamam, pois a todo o momento acontecem esbarrões, cutucadas sendo necessária a intervenção da professora constantemente.

Mas as crianças reagem a essa organização rígida, grande parte delas não consegue manter-se assentados, alguns se ajoelham na cadeira, outros ficam de pé, alguns caminham pela sala e a professora passa quase todo o período de aula solicitando que as crianças se assentem nas cadeiras.

Pude observar várias situações onde as crianças de forma espontânea, modificam o espaço e reorganizam os objetos: sentam-se do lado dos colegas, empurram as cadeiras e carteiras para sobrar mais espaço para a rodinha, encostam as cadeiras nas paredes na brincadeira de faz de conta para apoiar os brinquedos, usam a mesa para brincar debaixo, enfileiram cadeiras para brincar de trenzinho, etc.

Outro aspecto observado foi à falta de autonomia das crianças e falta de acessibilidade aos materiais. Como pode ser observado na figura 3 e 4, existia bem no alto da janela um varal de barbante, para a professora expor as produções das crianças e no alto da parede próximo a porta, ficavam os materiais que consistiam em lápis, borracha, apontador, lápis de cor, giz de cera e massinha. Nas paredes estavam afixados, fora do alcance e visão das crianças, os numerais, o alfabeto, a chamada dos dois turnos e um espaço para registrar a rotina.

FIGURA 3–Foto do espaço da sala.



Fonte:Dados da pesquisa em abr.2013.

FIGURA 4– foto do Espaço da sala.



Nas minhas observações ficou evidente a dependência das crianças com relação à professora. Praticamente em todas as atividades propostas pelas professoras o material era entregue por ela na mão de cada criança como massinha, palitos, folhas, lápis, giz de cera, tintas. As crianças tinham acesso apenas aos brinquedos e livros e isso era motivo de conflitos na sala o tempo todo e ocasionava muito tempo de espera para iniciar uma atividade e devido a esse tempo ocioso as crianças em diversos momentos se levantavam e pegavam livros e brinquedos, subiam na mesa para pegar os lápis que estavam no alto, demonstrando assim a necessidade que tinham em ter acesso aos materiais e mais autonomia. Em entrevista com a professora B quando indagada sobre como as crianças interagem com os materiais ela relata:

“Eles pegam o tempo todo o livro, brinquedo e agente tem que ficar estipulando a hora de brincar e a hora de pegar o livro. Mas já melhorou muito do que era antes, a gente já tentou deixar os brinquedos em uma parte e os livros em outra, eles ainda não dão conta de fazer o rodízio, mas eles já dão conta de guardar...”

Quando as indaguei sobre o que achava das crianças terem acesso aos materiais, a professora B declarou:

“...seria bom para ter autonomia, porque quando agente dá uma atividade agente tem que tá pedindo para não subir na mesa porque eles sobem na mesa para pegar o lápis, então se ficasse acessível eles mesmo pegariam se tivesse esse espaço...”

3.1.3 Lugar nobre destinado a mesas e cadeiras: induz o professor a práticas adultocêntricas

Existe um lugar nobre destinado às mesas e cadeiras, ao quadro e à mesa da professora, isso induz o professor a uma prática pedagógica centrada na figura do adulto onde

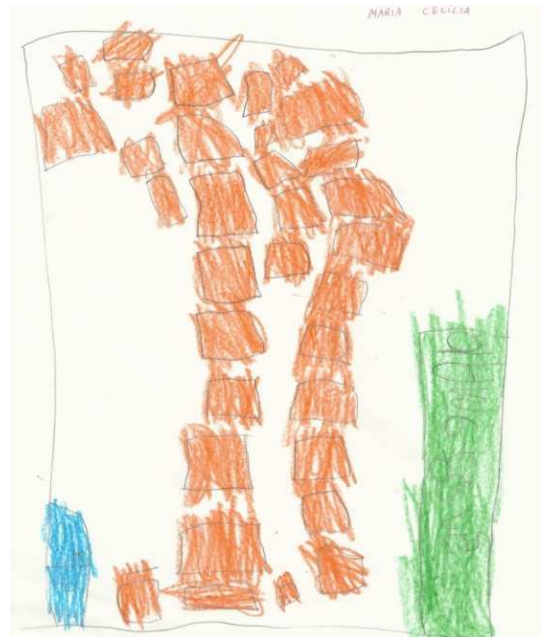
todas as atividades giram em torno dele. O que legitima o fato de estar sentado, desenhando, pintando, escrevendo, recortando, etc. cada criança com seu lápis, tinta, tesoura.

O desenho das crianças é revelador desse lugar central dado às carteiras e cadeiras na sala de aula. Ao representar a sala através desenhos as cadeiras e mesas apareceram no desenho de todas as crianças exceto de 4 crianças cujo seus desenhos eram poucos definidos.

-FIGURA 5-Foto do centro da sala.

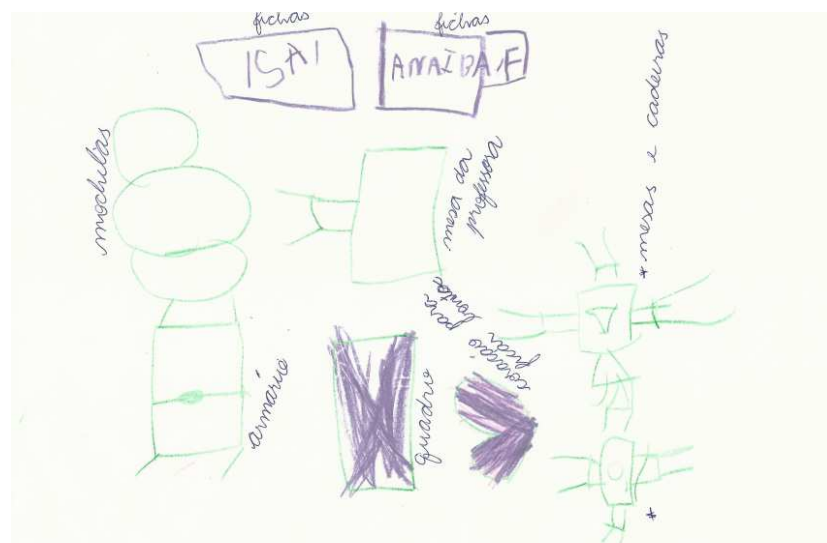


FIGURA 6- Desenho do centro da sala.



Fonte:Dados da pesquisa em abr.2013.

Comparando a figura 5, uma foto do centro da sala, com a figura 6 desenho do centro da sala por uma criança de 4 anos que pertence a turma, é possível perceber como a representação da criança aproxima-se da realidade, observa-se no desenho, que apareceram vários retângulos e quadrados coloridos da mesma cor, representando as mesas e cadeiras preenchendo todo o espaço central da folha; um retângulo maior localizado à direita da folha, pintado de verde com registro de algumas letras do alfabeto representando o quadro e, dois retângulos pintados de azul localizado no canto esquerdo da folha representando a mesa e a cadeira da professora. Nota-se que os brinquedos e livros estão ausentes no desenho da criança.

FIGURA 7-Desenho da sala.

Fonte: Dados da pesquisa em abr.2013.

Já na figura 7, foi solicitada a criança, que desenhasse como gostaria que a sala de atividades fosse. Pode-se observar que aparecem vários elementos e materiais que compõem a sala como por exemplo: mochilas, armário, fichas do nome, quadro, mesa e cadeira da professora, duas mesas com 4 cadeiras cada e em cima das mesas duas formas geométricas, um círculo e um triângulo que foram colados na mesa na construção do mapa de sala pelas professoras. Apenas um elemento novo surgiu no desenho da criança, um coração, quando indagada porque desenhou um coração na sala, a criança respondeu que era para deixá-la mais bonita, revelando assim sua preocupação com o aspecto estético da sala.

A presença de mesas e cadeiras ocupando um lugar central na sala, marca a preocupação com o ensino, a transmissão de conhecimentos. HORN (2004 p.58 e 59) explica a prática pedagógica adultocêntrica, como uma prática na qual “a voz e a vez da criança não são consideradas” e diz que mesas e cadeiras ocupando um amplo espaço na sala não ajuda as crianças a brincarem e jogarem a não ser nas mesas ou no chão.”

Todas as crianças são conduzidas a realizarem as mesmas tarefas, ao mesmo tempo, cada uma em seu lugar e com seu material, cujo resultado final são trabalhos quase idênticos sem possibilidade de criação, mas somente imitação e reprodução.

Um dos fatos que observei na sala e que ilustra essas ideias foi quando a professora propôs às crianças que fizessem uma lembrancinha para o dia das mães que seria um porta recados para colocar na geladeira feito com pregador de roupa. Primeiramente a professora explicou o que iam fazer e distribuiu um pregador de roupa e um pincel para cada criança entregando-os na mãos de cada um, posteriormente demonstrou as crianças como deveriam

pintar o pregador, segurando um em sua mão, mergulhou a ponta do pincel na tinta e fez várias pintinhas. Pediu às crianças que fizessem o mesmo. Colocou um pote pequeno com tinta em cada mesa e as crianças repetiam o que a professora havia feito.

Pude constatar em minhas observações que a organização do espaço e a ausência de materiais diversos e que sejam acessíveis às crianças induz às professoras em realizar trabalhos dirigidos, feitos individualmente, não prevendo espaços para tarefas coletivas além de dificultar que oriente o seu trabalho para escolhas feitas pelas crianças sem sua constante vigilância e ordenamento.

As professoras reconhecem em suas falas, que o ato de brincar/jogar e experimentar é algo muito sério para as crianças e elas aprendem interagindo com os objetos e na sua relação com outras pessoas, explorando e experimentando, mas a organização do espaço da forma como está e a falta de materialidade são grandes limitadores para o professor, pois impossibilita o movimento das crianças e as interações, o oferecimento de alternativas, o incentivo à autonomia, impossibilita a experiência etc.

Bondía (2002, p.21) define experiência como: “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”.

Podemos concluir então que a forma como o espaço da sala de atividades está organizado, principalmente o fato de o espaço estar quase todo tomado por mesas e cadeiras, a falta de materiais variados em quantidade suficiente e acessíveis às crianças, o estado precário de conservação do ambiente e materiais, a falta de autonomia e a impossibilidade de movimentação causada pelo espaço pequeno e rígido, inibe as interações sociais e acabam dando testemunho de uma concepção de criança passiva, que induz o professor à práticas adultocêntricas.

3.2 Realizando a intervenção

Passo a descrever agora, a proposta de intervenção do espaço da sala de atividades da turma da Tulipa, dialogando com a fundamentação teórica, com as observações e relatos das professoras e crianças e listando as ações realizadas, que objetivaram tornar o espaço da sala mais flexível, relacional e instigador para as crianças.

Ao pensar espaços para a criança ativa, exploradora e criadora de cultura e de sentidos do mundo é necessário pensar não só no espaço físico e materiais, mas, no ambiente e nas relações que irão estabelecer neste espaço, no papel do educador que dê apoio aos

movimentos, que incentive seu protagonismo e autonomia, que contribua para a diversificação de suas possibilidades, considerando o diálogo com a expressividade das crianças e incentivando as possibilidades de produções culturais: possibilidades de criar cenas, narrativas, enredos, invenção de situações, soluções inusitadas para questões que surgem no coletivo, permitindo-lhes prosseguir, testar suas hipóteses, experimentar formas novas de relação, sustentar o que constroem.

Sendo assim é necessário que o espaço apresente a organização do mundo com materiais como fotografias, reproduções de obras de arte, textos, livros, etc. e que favoreça que as crianças experimentem situações expressivas diversas com a variedade de materiais disponíveis e acessíveis as crianças tais como panos, caixas, sucatas, brinquedos, etc.

GUIMARÃES (2006 p.70), em seu artigo “Educação Infantil: espaços e experiências” cita que o projeto educacional para crianças de 0 a 6 anos na Itália na cidade de Reggio Emília defende três ideias para a compreensão do papel do espaço nas manifestações expressivas das crianças: a ideia de flexibilidade do espaço; a importância do espaço apoiar os relacionamentos das crianças e o espaço como convite a ação.

3.2.1 Espaço flexível

O espaço planejado é diferente do espaço vivido, para a criança o espaço não tem relação só com o seu tamanho, mas está relacionado com a forma como este espaço é experimentado, com a intimidade, a sensação de segurança e de pertencimento que tem com esse ambiente. O poeta Manuel de Barros em seu poema Achadouros retrata essa ideia de forma muito simples e clara:

“Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas. Há de ser como acontece com o amor. Assim, as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores do que as outras pedras do mundo. Justo pelo motivo da intimidade...”
(Manuel de Barros)

Dessa maneira o espaço habitado e vivido é um espaço de limites transformáveis por quem o habita, ele se torna lugar de experiências, relações, criações, torna-se ambiente de vida, a partir das experiências que nele compartilhamos.

GUIMARÃES (2006 p.73) diz que é necessário ao pensarmos na organização de espaços para a relação com as crianças, agruparmos as qualidades físicas, ou seja, o que é importante ter, como por exemplo, objetos para construção, bonecos, papéis de diferentes texturas, cores e tamanhos, fantasias, etc. com as qualidades imaginativas que está relacionada a como esses

objetos vão convidar às crianças a inventar possibilidades, pesquisas, criar cenas, narrativas e enredos e como as crianças na relação com esses materiais vão construir sentidos e significados.

Os espaços só se tornam ambientes de experiências, quando habitados e vividos. As crianças ressignificam os objetos em suas relações com eles, expandindo suas funções.

Em uma das observações realizadas na turma da Tulipa, a professora trouxe alguns tecidos de diversas cores e tamanhos para as crianças brincarem, as crianças começaram a retirar todas as cadeiras das mesas e as colocaram encostadas na parede, a professora prontamente ajudava, as crianças criaram diversas narrativas e formas de brincar com os tecidos: algumas queriam amarrar na cabeça como lenço, outras pediam a professora para amarrar no ombro para se transformar em vestido, ou na cintura para se transformar em saia, outras juntaram duas mesas e forraram com um tecido grande criando uma cabaninha, tornando-se um esconderijo, que depois se transformou em túnel, onde passavam por baixo e por cima da mesa, outras crianças forraram algumas cadeiras que se transformou na mesa de chá e caminha na brincadeira de casinha, outras enfileiraram algumas cadeiras e brincavam de dirigir ora era um trenzinho, ora ônibus, ora carro, em um determinado momento duas crianças seguraram as pontas de um lençol grande e fizeram um balanço, brincaram de arrastar e balançar os colegas. Percebi que enquanto se enfeitavam com os tecidos as crianças perguntavam uma para as outras como estavam e sentiam a necessidade de se olhar no espelho que estava ausente no ambiente da sala.

As cadeiras e as mesas ganharam outros sentidos para as crianças, quando se tornaram suporte para as suas brincadeiras. Deixaram de ser lugar para assentar e escrever e se transformou em um lugar para se esconder, para passar, para se locomover e dirigir, quando era carro, ônibus ou trem, em lugar para comer ou dormir na brincadeira de casinha.

Quando se pensa em reorganizar o espaço da sala, é importante observar e considerar a plasticidade, a expansão criativa das crianças e a recriação das regras, isso relacionado à conservação dos objetos e da necessidade de organização coletiva, refletindo sobre a tensão entre regra e flexibilidade, uso formal dos objetos e recriação de suas funções.

3.2.2 Espaço relacional

Outro aspecto fundamental ao pensar na reorganização da sala é refletir como esse espaço acolhe e sustenta os relacionamentos das crianças, não só nos aspectos de ser um ambiente acolhedor, gostoso e esteticamente belo, mas, sobretudo como esse espaço apoia os planos das crianças e as interações que desenvolvem, se há possibilidades de criar cantinhos para trocas e

encontros , disponibilizar os objetos para que favoreça a formação de subgrupos e a criação de cenas e dramatizações.

Além disso, o espaço deve estar organizado de forma a promover contato social e a privacidade. E preciso que se tenham espaços na sala que favoreçam esse tipo de encontro entre as crianças e dela com ela mesma, ou seja, momentos que as crianças brincam juntas e momentos em que querem ficar sozinhas.

Ao se relacionar as crianças formam duplas, trios e subgrupos e tendem a se agrupar por gênero, GUIMARÃES (2006 p. 70) relata que, de acordo com as pesquisas Italianas, “meninos tendem a ser mais nômades (buscam pulos, saltos, corridas), e as meninas tendem a construir “lugares nos lugares” (demarcando limites para formar suas histórias)”.

É um grande desafio para os educadores constituir a ideia de um espaço relacional, onde possa possibilitar espaços para desafiar as meninas a maior expansão corporal e pensar na oferta de diferentes materiais para que lugares possam ser formados, e convide os meninos a participar das cenas das meninas .

3.2.3 Espaço instigador

A organização do espaço pode promover ou inibir o desenvolvimento das crianças. Um dos aspectos fundamentais para promover o desenvolvimento e aprendizagem é de que este espaço seja instigador, com diversidade de formas, cores, texturas, tamanhos que mobilizem múltiplas possibilidades na construção de cenários para as narrativas que as crianças criam.

Quando os espaços convidam à ação e à imaginação, as percepções sensoriais das crianças são refinadas, quando pode explorá-las e expressá-las. A qualidade dos materiais que são oferecidos às crianças e as quais elas tem acesso, mobilizam o potencial sensível e construtivo das crianças. Nesse contexto o educador tem o papel de atentar para o encontro das crianças com o espaço e os objetos e sustentar e ampliar as cenas criadas pelas crianças, mapeando as possibilidades que surgem.

Com relação a essa ideia, HORN (2004, p. 58) afirma que: “não basta colocarmos os materiais em prateleiras bem alinhadas. É fundamental a intervenção do professor para também encorajar os alunos a interagirem com eles.”

É importante oferecer as crianças materiais diversificados, ampliando suas possibilidades de interação e contato com superfícies, formas e texturas. Os materiais considerados tradicionais que são fundamentais e instigadores como brinquedos , encaixes, quebra- cabeça, mas também oferecer novas possibilidades como almofadas, cerdas de escovas, farinhas, caixas, sementes sucatas,etc.

Objetos do cotidiano podem interessar e instigar mais as crianças a criação do que os objetos que são produzidos para elas.

O espaço e os objetos que o constituem podem convidar as crianças ao deslocamento, a observação e a descobrir nos objetos novos sentidos.

Para elaborar uma proposta de intervenção no espaço da sala de atividades de forma coerente a esses pressupostos e concepções, considerei as observações realizadas em sala, as entrevistas com as professoras, os desenhos e conversas com as crianças, além é claro de ter clareza das limitações físicas do espaço da sala e materiais de recursos financeiros.

Dessa maneira foi necessária uma reflexão sobre o que as crianças e professoras necessitavam e queriam e o que seria possível realizar naquele espaço de forma coerente as concepções de criança ativa e construtora de cultura.

Na conversa com as crianças elas me indicaram a necessidade de melhorar o aspecto estético da sala, quando uma delas disse que a parede deveria ser pintada, quando uma delas desenhou um coração para deixar a sala mais bonita; me mostraram a necessidade de um espelho para poderem se olhar quando perguntavam para os colegas como estavam, na brincadeira com os tecidos que já foi citada anteriormente; evidenciaram a necessidade de flexibilidade e movimentação quando espontaneamente reorganizavam as cadeiras, e demonstrando-se inquietas nas cadeiras, levantando-se e ajoelhando-se. Mostraram-me a necessidade de mais autonomia e acessibilidade aos materiais, quando subiam nas mesas para pegá-los no auto da janela.

Na entrevista com as professoras quando indaguei a elas o que mudariam na organização da sala, elas propuseram:

“Tem que ter menos mesas, eu gostaria de ter uma parede mais livre para colocar as coisas que eu preciso... Sinceramente, o que mais atrapalha é a quantidade de mesas, tinha que ser menos, acho que teria que ser no máximo quatro, mas aí tinha que diminuir a quantidade de crianças também... Colocaria pregador de roupa para pendurar as atividades, quando produzimos uma pintura, por exemplo, fica tudo no chão corre o risco de ficar pisando, estragando, colocar um varal mais baixo, falta materialidade, brinquedos de encaixe, mais espaço na parede para as necessidades como calendário, rotina, alfabeto, fotos, numerais. Mais eu não vejo espaço nessa sala, isso atrapalha, as crianças ficam querendo tocar o alfabeto tentando ler, mas está muito alto e elas não conseguem eles estão perdendo oportunidades, a sala está horrorosa, a parede está toda manchada, eu ainda não tive tempo, mas eu gostaria de forrar as paredes com tnt, muito feia, poluição visual, as janelas cheias de fita crepe, se organizasse de uma cor só melhoraria o ambiente, mas demanda tempo, e eu não consigo ver esse tempo para organizar esse espaço não”.

(Professora A)

“Faria cantinhos, igual uma brinquedoteca, faria o cantinho dos livros, da fantasia, de jornal, panfletos, revista, brinquedos de pecinha, lugar para colocar as mochilas, decoração eu tamparia as paredes, colocaria o alfabeto e os numerais baixinho,

numerais com bolsinho construiria móveis... Faria cortinas, varal com cortinas, fechar a cortina para tentar ter um espaço diferente, cada cortina de uma cor para trabalhar as cores, uma cortina para o espaço de leitura e outra para as brincadeiras. O espelho também é muito importante nos momentos de faz de conta, fantasiar em frente ao espelho.”

(Professora B)

Considerando todos os aspectos citados anteriormente, a intervenção no espaço se pautou em três eixos principais: Primeiro eixo: espaço instigador: proporcionando maior autonomia das crianças possibilitando a acessibilidade a diversos materiais, criando um ambiente desafiador e cheio de possibilidades para as crianças, além de criar um ambiente esteticamente mais agradável e belo, que valorize as produções das crianças.

As ações realizadas foram:

- Pintura das paredes e aplicação de papel de parede de cor neutra na parede onde está fixa a bancada.
- Construção de móveis junto com as crianças com cds velhos (um lado com foto e o outro com desenhos de seu autorretrato com o nome.)
- Fixação de ganchos no teto para pendurar móveis, tendas, etc.
- Exposição do alfabeto móvel de emborrachado na parede da bancada.
- Retirada de materiais de cima do armário e nas laterais das janelas
- Criação de um espaço na parede para as crianças desenharem, próximo ao cantinho da leitura.
- Construção da nova rotina da turma e de fichas com fotos das crianças para fixar através de velcro na parede
- Inserção uma prateleira na parede para colocar o som, acima do armário e próximo à tomada.
- Fixação de ganchos abaixo da janela para as crianças pendurarem as mochilas.
- Inserção de um relógio a cima do quadro
- Construção de uma tenda de tnt no cantinho da leitura.
- Retirada da pia para ganhar mais espaço para os cantinhos
- Construção de caixa de sucatas.
- Construção de caixas de tampinhas.
- Inserção de um pufe baú para as crianças e professoras contarem histórias e guardar dentro dele materiais diversos como: tecidos, colares, óculos, chapéus, etc.
-

FIGURA 8- Foto da sala em abril de 2013. FIGURA 9- foto da sala em agosto de 2013.



Fonte: Dados da pesquisa.

Segundo eixo: Espaço relacional organizando um tempo na rotina diária onde serão oferecidos materiais e espaços lúdicos (cantinhos) para que as crianças interajam entre elas e com os materiais de forma livre, façam escolhas e tomem decisões torando-se protagonistas do seu processo de aprendizagem.

As ações realizadas foram:

- Reorganização da rotina das crianças, planejando um momento em que elas possam fazer escolhas e tomar decisões, aumentando o tempo previsto para brincadeiras no pátio.
- Retirada de duas mesas da sala.
- Retirada de quatro cadeiras da sala.
- Construção do cantinho do brinquedo: exposição de alguns brinquedos na bancada e o restante em caixas.
- Construção da casinha de pano que revestindo a mesa da professora.
- Construção do cantinho da leitura/ rodinha, na parede da porta até a bancada (colocação de seis tatames coloridos no chão, fixação do suporte de madeira na parede para expor alguns livros, exposição de livros e fantoches na bancada e inserção de caixas rasas com diversos portadores de textos, revistinhas em quadrinhos, folders, revistas, jornais, etc.)
- Fixação no canto da parede um cabideiro com fantasias.
- Fixação de um espelho na parede do cantinho da leitura.
- Construção de caixa com aventais para contação de histórias exposta na bancada.

- Construção de caixa com fantoches exposta na bancada.
- Construção de caixa com dados pedagógicos exposta na bancada.

FIGURA 10-Casinha de pano – mesa da professora



Fonte: Dados da pesquisa em ago.2013.

FIGURA 11-Cantinho do brinquedo



Fonte: Dados da pesquisa em ago.2013.

Terceiro eixo: Espaço flexível oferecendo materiais diversos, que represente a organização do mundo como brinquedos, livros, revistas, jogos de encaixe, massinha, etc. e também materiais que favoreça que as crianças experimentem e criem situações expressivas diversas com a variedade de materiais disponíveis e acessíveis as crianças tais como panos, caixas,

sucatas, fantasias, brinquedos, etc. permitindo a expansão de suas funções e criação de novos sentidos.

As ações realizadas foram:

- Disponibilização na bancada diversos materiais de uso diário para cada mesinha com lápis de cor, lápis de escrever, giz de cera, borracha, apontador, cola, tesoura, etc. sendo 4 vasilhames para cada turno.
- Disponibilização na bancada três jogos diferentes de criação e construção como: lego polibol e ligue-ligue.
- Disponibilização na bancada de um gaveteiro transparente para materiais de arte: materiais da natureza(sementes, galhos, folhas, flores, etc.) canudos, tampinhas de diversas cores e tamanhos, palitos de picolé, cola colorida, lantejoulas, algodão, cotonetes, esponjas, botões, carvão para desenho, giz colorido, pincéis, tintas, rolinho, trincha.
- Disponibilização de folhas diversas de diferentes cores, algumas de tamanhos da mesa e metade da mesa para proporcionar produções em grupo , duplas, trios e individuais.
- Inserção de caixa com blusões para pintura.
- Fixação de um varal abaixo do quadro com pregadores para as crianças exporem suas produções.
- Organização dos cadernos de aula, arte e para casa, em caixas em baixo da bancada
-

FIGURA 12-Bancada



Fonte: Dados da pesquisa em ago.2013.

4 ANÁLISE DOS DADOS APÓS A INTERVENÇÃO

Nesse capítulo, apresento os resultados causados pela nova organização da sala de atividades, pontuando principalmente as mudanças nas interações das crianças e na prática pedagógica das professoras.

4.1 O espaço se transforma em ambiente; lugar de experiências, relações, criações.

As mudanças realizadas no espaço da sala de atividades da turma da Tulipa evidenciaram a potência educadora da organização do espaço, que influencia diretamente o processo de aprendizagem das crianças, suas interações e possibilidades de criação, a promoção da autonomia e também a prática pedagógica do professor.

A professora A, ao relatar sobre as mudanças mais significativas da nova organização do espaço diz:

“ proporcionou um ambiente bonito, convidativo e aconchegante, tanto para mim, quanto para as crianças. Também facilitou o trabalho, devido ao espaço que foi adquirido com a retirada das mesas e cadeiras, possibilitando uma melhor locomoção e principalmente a realização da rodinha, que antes era difícil de realizar. A materialidade foi fundamental para as atividades desenvolvidas e os cantinhos trouxeram ordem ao ambiente, possibilitando o desenvolvimento da autonomia das crianças ao escolher o local para estarem. Enfim, esse novo espaço, trouxe vida nova, alegria, facilitou o meu trabalho e proporcionou vivências agradáveis às crianças.”

Quando as crianças retornaram do recesso de julho em agosto entravam admirados e curiosos para explorar tantas novidades, alguns perguntavam se haveria uma festa na sala, outros diziam que estava muito bonita. Pude observar também que, uma das crianças da turma tinha o costume de chegar ao CEMEI e ir para o pátio sendo necessário que a professora a buscasse todos os dias pedindo que fosse para a sala. Após a intervenção essa criança começou a chegar e ir direto para a sala, pois se tornou um ambiente convidativo e instigante para ela.

Observando os desenhos das crianças antes e após a intervenção do espaço da sala, nota-se que, o que elas representavam antes, estava mais ligado ao conceito de espaço, ou seja, os elementos que compõem um espaço como mesas, cadeiras, armário, mesa da professora, parede, chão, fichas de nomes, apontador, mochilas. Verificam-se como na figura 13 e 14, que após a intervenção, os elementos que predominam nos desenhos das crianças são os mais ligados ao conceito de ambiente, ou seja, das relações que se estabelecem nele como: professora, crianças, brinquedos, tapetes, casinha, livros,, fantasias, corações, flores. Dois

aspectos chamaram a minha atenção, um deles é o fato de as mesas e cadeiras que estavam presentes em quase todos os desenhos ocupando o centro da folha, agora terem desaparecido do desenho de todas as crianças após a intervenção, outro aspecto interessante é como os desenhos ficaram mais coloridos e alegres.

FIGURA 13-Desenho da sala após a intervenção. FIGURA 14- Desenho da sala após a intervenção.



Fonte: Dados da pesquisa em ago.2013.

4.3 A escuta as necessidades das crianças: as mudanças na prática pedagógica

Em uma das minhas observações na turma após a intervenção no espaço da sala de atividades, a professora propôs as crianças três atividades, que seriam desenvolvidas simultaneamente em cantinhos distintos sendo: cantinho da leitura no tapete de emborrachado, jogo de encaixe em duas mesas juntas e brincar com fantoches, tecidos, óculos, colares, chapéus, etc. nas outras duas mesas agrupadas. Foi proposto pela professora que as crianças escolhessem inicialmente um cantinho e fariam um revezamento ao comando da mesma.

Quatro crianças se dirigiram ao cantinho do jogo de encaixe, cinco crianças escolheram o cantinho do livro e nove crianças foram para as mesas do fantoche e fantasias. Passado alguns minutos algumas crianças manifestaram o desejo de trocar de cantinho, a professora reafirmou o combinado inicial e pediu que esperassem o momento da troca.

As crianças que estavam no cantinho da fantasia e fantoches começaram a sair das mesas e se dirigiam ao tapete para se olharem no espelho e criavam enredos e brincadeiras diversas, um dos tecidos se transformou em véu de noiva e fizeram um casamento com noiva, noivo e padre, outro grupo de crianças criavam roupas, acessórios como lenços, pulseiras, colares, outro usou a mesa para fazer uma cabana, etc.

Ao perceber o esvaziamento do cantinho proposto na mesa e percebendo a necessidade das crianças de utilizarem o espelho e também de maior espaço e movimentação, sugeriu que as crianças que estavam no cantinho de livros fossem para as mesas. A professora observando o interesse, envolvimento e concentração das crianças nas brincadeiras, se dirigiu a mim e disse: - “como vou pedir às crianças que revezem nos cantinhos? Elas não vão aceitar. Nesse momento eu a respondi: -” Porque não permitir que escolham onde querem brincar? Porque interromper a construção que estão fazendo no jogo de encaixe, e as brincadeiras que estão criando, e as histórias que estão lendo?

A professora sorriu, e propôs as crianças que mudassem o que tinham planejado e perguntou a elas o que achavam de a partir daquele momento poderem escolher em que cantinho ficar, as crianças gostaram, algumas se mantiveram o tempo todo no mesmo cantinho, outras transitavam pelos três cantinhos de acordo com o seu desejo.

Esses dados revelam que a flexibilidade e sensibilidade da professora, tornou o que estava proposto muito mais significativo e enriquecedor para as crianças, permitindo que fizessem escolhas, dessem continuidade as suas construções, aumentando as possibilidades de interações entre as crianças, permitindo que ocupassem os espaços de forma mais livre e espontânea tornando-se protagonistas do seu processo de aprendizagem.

Nas observações e nas entrevistas realizadas com as professoras após a intervenção, constata-se que, as mudanças no espaço físico foram muito significativas, principalmente na construção da autonomia das crianças, na diminuição do tempo de espera pelas crianças tanto para ter acesso aos materiais quanto para realizar outras tarefas no momento em que os colegas terminam uma atividade, e dessa maneira o espaço se torna o outro educador proporcionando a professora que auxilie as crianças que apresentam maior dificuldade ou necessitam de um tempo maior para concluí-las.; ter a disposição diversos materiais também trouxe a possibilidade de escuta a necessidade das crianças, permitindo variar e trocar as atividades de acordo com a manifestação e interesse das crianças, tornando a rotina mais flexível e menos rígida.

Outro fato observado que evidencia a nova postura da professora é quando as crianças brincavam de faz de conta e em um determinado momento a professora estranhando

o fato de uma criança estar encostada na parede e de olhos fechados, perguntou a ela se estavam brincando de esconde-esconde na sala, a menina respondeu sorrindo, “não professora nós estamos brincando de fantasma!” a professora observou a brincadeira das crianças e me relatou que havia brincado de fantasma com a turma no dia anterior, essa brincadeira consiste em: uma criança veda os olhos enquanto uma é escolhida para ser o fantasma e se esconder debaixo de um lençol, a criança que estava com os olhos vedados precisa adivinhar quem é o fantasma.

A professora observou que as crianças reproduziram algumas falas dela como: “pega na cabeça para ver se é menina ou menino”, “não vale olhar”, mas também recriaram as regras da brincadeira permitindo que duas ou três crianças se escondesse no tecido e não apenas uma.

Uma das professoras quando indagada sobre os desafios e demandas que a nova organização do espaço trouxe para o seu trabalho, relatou:

“aprendi a ouvir mais as crianças e a respeitá-las em suas individualidades. Vi que a organização do espaço, realmente influencia em nossa prática. Antes não permitia o trânsito livre das crianças, me incomodava vê-las em pé, andando. Hoje vejo uma dinâmica mais rica e mais leve. Vejo crianças aprendendo e eu realmente junto delas, vivenciando e estreitando nossos laços afetivos. Hoje sinto prazer em trabalhar.”

É possível inferir com as ideias expostas acima que a organização do espaço interfere na interação entre as crianças e a professora, que agora adotou uma nova postura, deixando de trabalhar “para” as crianças para trabalhar “com” as crianças, buscando uma relação mais próxima delas, observa, dialoga, media conflitos, dá suporte para as brincadeiras tanto oferecendo materiais como participando com as crianças ajudando a construir cenários, reorganizando os espaços, enfeitando as meninas, perguntando o querem, o que desejam.

As professoras começaram a inovar, a buscar materiais diferentes para trabalhar com as crianças como sementes, folhas, pedras, etc., propor na rotina trabalhos coletivos feitos em duplas ou trios, reorganizaram a rotina reservando um período do dia para ser o “momento da escolha” onde são oferecidos as crianças no mínimo 3 opções de atividades diferentes e podem decidir o que querem fazer, com que grupos desejam e dessa maneira tornam-se protagonistas de sua aprendizagem.

4.4 Crianças se apropriam dos espaços e os ressignificam, intensificando suas relações: criança-criança, criança- professora e criança- materiais.

FIGURA 15 - crianças brincando com acessórios e tecidos



Fonte: Dados da pesquisa em ago.2013.

FIGURA 16- crianças explorando livros e revistinhas



Fonte: Dados da pesquisa em ago.2013.

Nas brincadeiras de faz de conta antes da intervenção no ambiente da sala, a maioria das crianças brincava nas mesas e assentadas nas cadeiras, pois os arranjos espaciais eram rígidos e causavam imobilidade o que limitava a produção simbólica das crianças, pois não era possível brincar com brincadeiras que exigem o corpo em ação e em movimento como: roda, casamento, fantasma . Hoje, como pode-se observar nas figuras 15 e 16 um mesmo espaço é utilizado para diversas atividades, as crianças se apropriam de diversos cantos como o tapete, a mesa da professora que se transformou em casinha, se deslocam de um canto a outro se apropriando dos espaços e materiais e significando-os pois o pufe baú se transformou em objeto para se esconder debaixo da bancada, a caixa de brinquedos se transforma em carrinho, trem e um esconderijo.

Os materiais dispostos de maneira acessível às crianças e a organização da rotina com as fichas com fotos da turma, ajudou a deixar a sala mais bonita, diminuiu a ansiedade da turma, pois antes pegavam livros e brinquedos a todo o momento e agora entendem e participam da construção da rotina diária.

As interações entre criança- criança se tornou mais intensa, o que pode ser observado nos desenhos e também no relato da professora A;

... “hoje as crianças interagem entre si e acabam se relacionando com crianças que antes não se relacionavam, descobrem que alguns gostam dos mesmos brinquedos e brincadeiras que elas e acabam convidando-as para brincarem juntas, aumentando seu meio de relacionamento.”

FIGURA 17 - crianças brincando com blocos de encaixe



Fonte: Dados da pesquisa em ago.2013

FIGURA 18- Espelho, suporte para a brincadeira.



Fonte: Dados da pesquisa em ago.2013.

Antes as interações dentro da sala se limitavam aos colegas que assentavam na mesma mesa que elas, agora se agrupam por interesses comuns, como pode-se observar na figura 17 e 18, as crianças estão descobrindo afinidades, descobrindo que podem construir coisas juntas de forma coletiva, estão aprendendo a compartilhar os brinquedos, criando laços de amizade e aprendendo novas brincadeiras e novas formas de brincar que este espaço e os materiais tem proporcionado.

Pode-se concluir então que a nova organização do espaço proporcionou uma nova dinâmica, interferindo na prática pedagógica das professoras que hoje estão mais flexíveis e atentas a necessidade das crianças, incentivando o protagonismo e a construção da autonomia, permitindo que as crianças deem continuidade e sustentem as suas produções, testem suas hipóteses, experimentem formas novas, criem narrativas e enredos, invente situações; ampliando e diversificando as possibilidades de produções culturais e as relações entre as pessoas: criança-criança, criança- professora e crianças- materiais e espaços.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação infantil difere das outras etapas da educação básica, a educação para a primeira infância deve garantir o alargamento das experiências infantis considerando as necessidades específicas da criança pequena. Nesse sentido a organização do espaço é fundamental, pois as crianças necessitam de espaço, do corpo em movimento, de se relacionar com outras crianças e adultos para explorar e conhecer o mundo.

É necessário então buscar atender as necessidades afetivas, fisiológicas, de socialização e de construção da autonomia das crianças e propiciar desafios, descobertas e possibilidades de a criança estabelecer muitas e variadas relações, criando situações de interação entre criança-criança e entre professor e crianças; de brincadeiras; de desenvolvimento da identidade; de garantia de segurança e confiança; de oportunidades de se auto-organizarem; de vivência de relações éticas e sociais como identidade, cooperação e lidar com a diversidade; de ampliação das sensações e movimentos; de desenvolvimento das linguagens e da imaginação; de incentivo à curiosidade e à exploração do mundo físico e social.

O espaço não é neutro, ele é socialmente construído e fruto das interações realizadas pelos atores que atuam nos contextos da educação infantil. O espaço físico e social é fundamental para o desenvolvimento das crianças, pois ajuda a estruturar, organizar as funções motoras, sensoriais, simbólicas, lúdicas e relacionais.

Sendo assim o ambiente interfere diretamente no processo de aprendizagem das crianças, pode promover ou inibir o desenvolvimento delas, pois, a relação da criança com o espaço e com outras crianças promove aprendizagens.

Desse modo, o espaço é um mediador, um educador, interlocutor, ele pode desafiar, instigar as crianças ao movimento, a produção de linguagens, possibilitar e contribuir para vivências e expressão de culturas infantis, jogos, brincadeiras e promover autonomia.

A organização do espaço pode ainda permitir à criança atuar e ser o centro do processo educativo sendo ela protagonista do seu processo de aprendizagem, quando tem a possibilidade de tomar decisões, fazer escolhas e expressar seus desejos.

Nesse contexto, como podemos organizar o espaço da sala de atividades respeitando as necessidades das crianças e suas especificidades, de forma coerente as concepções de criança competente, autônoma e protagonista do seu processo de aprendizagem? Como descentralizar a figura do professor através da organização do ambiente e promover interações e experiências significativas para as crianças proporcionando seu desenvolvimento pleno?

Propus com esta pesquisa investigar como a organização da sala de atividades influencia as interações das crianças de uma turma de 4 anos do CEMEI Bom Jesus, a partir dessas observações propor mudanças na organização do ambiente da sala de atividades para que se torne mais desafiador e promova mais autonomia para as crianças, visando ampliar as possibilidades de interações e aprendizagens e verificar como a mudança do espaço físico da sala de atividades pode interferir nas interações das crianças com o espaço, materiais e nas relações das pessoas: criança/criança e criança/adulto.

Para alcançar esses objetivos essa pesquisa baseou-se na abordagem qualitativa, utilizando-se diversos instrumentos de coleta de dados como: observações, entrevistas e conversas com as professoras que atuam na turma, conversas com as crianças, desenhos das crianças, fotos, e filmagens,

Esses instrumentos foram utilizados em duas etapas distintas: antes da intervenção para diagnosticar a realidade e após a intervenção para verificar como a organização do espaço influenciou as interações das crianças.

Constatou-se que a forma como o espaço da sala de atividades estava organizado, principalmente o fato de o espaço estar quase todo tomado por mesas e cadeiras, a falta de materiais variados em quantidade suficiente e acessíveis às crianças, o estado precário de conservação do ambiente e materiais, a falta de autonomia e a impossibilidade de movimentação causada pelo espaço pequeno e rígido, inibe as interações sociais e acabam dando testemunho de uma concepção de criança passiva, que induz o professor à práticas adultocêntricas.

Através das observações e entrevistas busquei compreender o que as crianças e professoras necessitavam para elaborar uma proposta de intervenção que se fundamentou em três ideias defendidas pelas pesquisas italianas de Reggio Emília: a ideia de flexibilidade do espaço; a importância do espaço apoiar os relacionamentos das crianças e o espaço como convite a ação.

Após a intervenção buscou-se através dos mesmos instrumentos de coleta de dados verificar quais os resultados as mudanças no ambiente da sala trouxeram para as professoras e nas interações das crianças. As mudanças realizadas no espaço da sala de atividades da turma da Tulipa evidenciaram a potência educadora da organização do espaço, que influencia diretamente o processo de aprendizagem das crianças, suas interações e possibilidades de criação, a promoção da autonomia e também a prática pedagógica do professor.

Minha hipótese foi confirmada, pois a falta de organização do espaço físico e do ambiente e a definição de uma rotina costumeira e rígida, seja pela estrutura física precária,

pela falta de verbas ou investimento na formação das professoras, empobrece as experiências vivenciadas pela criança na Instituição e conseqüentemente suas interações e aprendizagens.

O novo arranjo espacial, considerando as necessidades das crianças favoreceu o processo de socialização e autonomia. Quando o ambiente se tornou favorável, as relações entre adulto-criança, criança-criança e criança- espaço/ambiente tornaram-se mais frequentes, contribuindo para vivências e experiências mais significativas e enriquecedoras para as crianças.

Pode-se concluir então que a nova organização do espaço proporcionou uma nova dinâmica, interferindo na prática pedagógica das professoras que hoje estão mais flexíveis e atentas a necessidade das crianças, incentivando o protagonismo e a construção da autonomia, permitindo que as crianças deem continuidade e sustentem as suas produções, testem suas hipóteses, experimentem formas novas, criem narrativas e enredos, invente situações; ampliando e diversificando as possibilidades de produções culturais e intensificando as relações entre as pessoas: criança-criança, criança- professora e crianças- materiais e espaços.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Maria Carmem S.; HORN., Maria da Graça Souza. Organização do espaço e do tempo na escola infantil. In: CRAIDY, Carmem; KAERCHER, Gladis e (Org.). **Educação Infantil para que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001. Cap. 6.
- BARBOSA ,Maria Carmem Silveira. **Revista Pátio:** Tempo para viver o cotidiano .Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, n. 32, jul./set. 2012.
- BARBOSA ,Maria Carmem Silveira.**Por amor e por força:** rotinas na Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed,2006
- BONDIOLI,Anna (org).**O tempo no Cotidiano Infantil:** perspectivas de Pesquisa e estudo de casos. São Paulo: Cortês, 2004.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de Experiência. In: **Revista Brasileira de Educação**, jan/fev/mar/abr 2002, Nº19, pp. 20-28.
- BRASIL. Ministério da Educação. Resolução n. 5/2009, de 17 de dezembro de 2009. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.** Brasília: Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Básica – CEB. Dez. 2009.
- FORNEIRO, Lina Iglesias. A organização dos espaços na Educação Infantil. In: ZABALZA, Miguel. **Qualidade em Educação Infantil.** Porto Alegre: Artmed, 1998.
- FORNEIRO, Lina Iglesias. A organização dos espaços na Educação Infantil. In: ZABALZA, Miguel A. (Org.). **Qualidade em Educação Infantil.** Porto Alegre, 1998. Cap. 11. p. 229-281. Tradução Beatriz Affonso Neves.
- GUIMARÃES, Daniela de o. Educação Infantil: espaços e Experiências. In: BRASIL. BRASÍLIA. Ministério da Educação. Secretaria de Educação A Distância (Org.). **O Cotidiano na Educação Infantil.** Brasília:set. 2006. Pr. 5. p. 68-77. Boletim n.23. Disponível em: <<http://www.tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/175810Cotidiano.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2013.
- HADDADE, Lenira; HORN, Maria das Graças Souza. Criança quer mais do que espaço. **Revista Educação:** educação infantil 1, São Paulo:Editora Segmento, p.42-59, set. 2011. Fundação Carlos Chagas.
- HORN, Maria da Graça. **Cores, Sons, Aromas e Sabores:** a organização do espaço na Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- KAERCHER, Gladis, CRAIDY, Carmen. **Educação Infantil:** Pra que te quero. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- LINO, Dalila Brito. A rotina diária nas experiências Chave do modelo High/Scope. In: ZABALZA, Miguel A. **Qualidade em Educação Infantil.** Porto Alegre:: Artmed, 1998. Cap. 9. p. 185-206. Tradução Beatriz Affonso Neves.

MELLO, Ana Maria. Leituras sobre o tempo: o dia a dia das creches e pré escolas. **Revista educação**. Fundação Carlos Chagas. educação infantil 1, São Paulo: Editora Segmento, Set 2011.p. 61- 75.

SILVA, Anamaria Santana da. Casa-escola: contribuições da proposta Montessoriana para a Educação Infantil. In: MACHADO, Maria Lúcia de A. (Org.). **Encontros e Desencontros em Educação Infantil**. 2. ed. São Paulo: Cortês, 2005.

APÊNDICES

APÊNDICE A-ENTREVISTA COM AS PROFESSORAS ANTES DA INTERVENÇÃO

- 1- O que você acha que é ser criança?
- 2- O que você acha da organização da sala de atividades como ela é hoje?
- 3- Você acha que essa organização influencia o processo de aprendizagem das crianças? Como? Em que aspectos?
- 4- Você sente necessidade de reorganizar esse espaço? por que? em que momentos? Como?
- 5- Como você acha que poderia ser organizado o espaço da sala de atividades?
- 6- Como as crianças se relacionam entre elas nesse espaço?
- 7- Como as crianças se relacionam com o espaço e os materiais da sala de atividades?

APÊNDICE B- ENTREVISTA COM AS PROFESSORAS DEPOIS DA INTERVENÇÃO

- 1- Quais as mudanças mais significativas você percebe que ocorreram com a nova organização do espaço da sala?
- 2- Essas mudanças influenciam o processo de aprendizagem das crianças? De que maneira?
- 3- Houve alguma mudança na interação das crianças? Quais?
- 4- Houve alguma mudança na sua prática pedagógica? Quais?
- 5- Como as crianças se relacionam com o espaço e materiais da sala?
- 6- Essa nova organização do espaço lhe trouxe novas demandas ou desafios? Quais?

APÊNDICE C- QUADRO DE PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

QUADRO 1- proposta de intervenção

DIAGNÓSTICO	PROPOSTA	AÇÕES
<p>- Falta de autonomia das crianças: dependência e falta de acesso aos materiais.</p> <p>- lugar nobre dado as mesas e cadeiras que ocupavam todo o espaço da sala, mesa da professora e quadro muito grandes.</p> <p>- Rotina rígida.</p> <p>- Falta de materiais variados, de qualidade e em quantidade suficiente para as crianças.</p> <p>- Ausência de materiais como jogos de encaixe e construção, etc.</p> <p>- Ambiente esteticamente feio e desorganizado (paredes sujas e descascadas, objetos empilhados na bancada e em cima do armário).</p> <p>- espaço da sala muito pequeno, apertado, sem área para circulação e inibindo a movimentação das crianças.</p> <p>- ausência das produções das crianças na decoração da sala.</p> <p>- arranjos espaciais não permitem a interação das crianças e a apropriação do espaço.</p> <p>- ambiente induz o professor a práticas adultocêntricas e</p>	<p>Espaço instigador: proporcionando maior autonomia das crianças possibilitando a acessibilidade a diversos materiais, criando um ambiente desafiador e cheio de possibilidades para as crianças, além de criar um ambiente esteticamente mais agradável e belo, que valorize as produções das crianças e tenha a participação delas na decoração.</p> <p>Espaço relacional: organizando um tempo na rotina diária onde serão oferecidos materiais e espaços lúdicos (cantinhos) para que as crianças interajam entre elas e com os materiais de forma livre, façam escolhas e tomem decisões tornando-se protagonistas do seu processo de aprendizagem.</p> <p>Espaço flexível: oferecendo matérias diversos, que represente a organização do mundo como brinquedos, livros, revistas, jogos de encaixe, massinha, etc. e também materiais que favoreça que as crianças experimentem e criem situações expressivas</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Pintura das paredes e aplicação de papel de parede de cor neutra na parede onde está fixa a bancada . • Construção de móveis junto com as crianças com cds velhos (um lado com foto e o outro com desenhos de seu autorretrato com o nome.) • Fixação de ganchos no teto para pendurar móveis, tendas, etc. • Exposição do alfabeto móvel de emborrachado na parede da bancada. • Retirada de materiais de cima do armário e nas laterais das janelas • Criação de um espaço na parede para as crianças desenharem, próximo ao cantinho da leitura. • Construção da nova rotina da turma e de fichas com fotos das crianças para fixar através de velcro na parede • Inserção uma prateleira na parede para colocar o som, acima do armário e próximo à tomada. • Fixação de ganchos abaixo da janela para as crianças pendurarem as mochilas. • Inserção de um relógio a cima do quadro • Construção de uma tenda de tnt no cantinho da leitura. • Retirada da pia para ganhar mais espaço para os cantinhos • Construção de caixa de sucatas. • Reorganização da rotina das crianças, planejando um momento em que elas possam fazer escolhas e tomar decisões, aumentando o tempo

DIAGNÓSTICO	PROPOSTA	AÇÕES
<p>legítima o fato das crianças estarem assentadas cada uma em sua cadeira, com seu material de forma individualizada, realizando as mesmas tarefas, em um mesmo momento.</p>	<p>diversas com a variedade de materiais disponíveis e acessíveis as crianças tais como panos, caixas, sucatas, fantasias, brinquedos, etc. permitindo a expansão de suas funções e criação de novos sentidos.</p>	<p>previsto para brincadeiras no pátio.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Retirada de duas mesas da sala. • Retirada de quatro cadeiras da sala. • Construção do cantinho do brinquedo : exposição de alguns brinquedos na bancada e o restante em caixas. • Construção da casinha de pano que revestindo a mesa da professora. • Construção do cantinho da leitura/rodinha, na parede da porta até a bancada (colocação de seis tatames coloridos no chão, fixação o suporte de madeira na parede para expor alguns livros, exposição de livros e fantoches na bancada e inserção de caixas rasas com diversos portadores de textos, revistinhas em quadrinhos, folders, revistas, jornais, etc. • Fixação no canto da parede um cabideiro com fantasias. • Fixação de um espelho na parede do cantinho da leitura. • Construção de caixa com aventais para contação de histórias exposta na bancada. • Construção de caixa com fantoches exposta na bancada. • Construção de caixa com dados pedagógicos exposta na bancada. • Disponibilização na bancada diversos materiais de uso diário para cada mesinha com lápis de cor, lápis de escrever, giz de cera, borracha, apontador, cola, tesoura, etc. sendo 4 vasilhames para cada turno. • Disponibilização na bancada três jogos diferentes de criação e construção como: lego polibol e ligue-ligue. • Disponibilização na bancada de um gaveteiro transparente para materiais de arte: materiais da natureza(sementes, galhos, folhas, flores, etc.) canudos, tampinhas de diversas cores e tamanhos, palitos de








DIAGNÓSTICO	PROPOSTA	AÇÕES
		<p>picolé, cola colorida, lantejoulas, algodão, cotonetes, esponjas, botões, carvão para desenho, giz colorido, pincéis, tintas, rolinho, trincha.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Disponibilização de folhas diversas de diferentes cores, algumas de tamanhos da mesa e metade da mesa para proporcionar produções em grupo , duplas, trios e individuais. • Inserção de caixa com blusões para pintura. • Fixação de um varal abaixo do quadro com pregadores para as crianças exporem suas produções. • Organização dos cadernos de aula, arte e para casa, em caixas em baixo da bancada.

Fonte: Dados da pesquisa em jul.2013.

ANEXOS

ANEXO A- FOTOS DA SALA ANTES E APÓS A INTERVENÇÃO

Local/Objeto	Antes da intervenção Abril de 2013	Após a intervenção Agosto de 2013
Armário da profes- sora		
Mesa da profes- sora		
Parede do quadro		
Centro da sala		
Rotina		

local	Antes da intervenção Abril de 2013	Após a intervenção Agosto de 2013
bancada	 <p data-bbox="600 667 837 701">Portfólio e cadernos</p>	 <p data-bbox="1046 723 1329 757">Cantinho do brinquedo</p>
Bancada/mochila		 
Varal para expor as produções das crianças.		 
livros	 <p data-bbox="523 2018 759 2051">Livros em caixas</p>	 <p data-bbox="994 2018 1265 2051">Cantinho da leitura</p>

ANEXO B: ROTINA DA TURMA EM ABRIL DE 2013



CEMEI BOM JESUS ROSA TEOBALDO- 2º TURNO - 2013

ROTINA DA TURMA DE 4 ANOS - Tulipa

DIA/ HORA	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
13:00 AS 13:20	ENTRADA E LANCHE	ENTRADA E LANCHE	ENTRADA E LANCHE	ENTRADA E LANCHE	ENTRADA E LANCHE
13:20 AS 13:40	DESENHO LIVRE	JOGOS DE MONTAR E ENCAIXAR	MANUSEAR PORTADORES DE TEXTOS	MASSINHA	BRINQUEDO
13:40 AS 14:10	RODINHA	RODINHA	RODINHA	RODINHA	RODINHA
14:10 AS 14:30	SOCIALIZAÇÃO DO MASCOTE	BICHONÁRIO	JOGOS MATEMÁTICOS	BICHONÁRIO	VÍDEO
14:30 AS 15:10	15:00 AS 15:50 CAMA ELÁSTICA E PISCINA DE		BRINQUEDO		
15:10 AS 15:30	BOLINHAS 15:50 AS 16:10 JANTAR	JANTAR	JANTAR	JANTAR	JANTAR
15:30 AS 15:50		RECREIO	RECREIO	RECREIO	RECREIO
15:50 AS 16:00		VÍDEO	RELAXAMENTO	RELAXAMENTO	RELAXAMENTO
16:00 AS 17:20	RELAXAMENTO MASSINHA	VÍDEO	CORPO E MOVIMENTO	MÚSICA	MASSINHA RODONA

ANEXO C: ROTINA DA TURMA EM SETEMBRO DE 2013

CEMEI BOM JESUS ROSA TEOBALDO- 2º TURNO - 2013



ROTINA DA TURMA DE 4 ANOS - Tulipa

DIA/ HORA	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
13:00 AS 13:20	ENTRADA E LANCHE	ENTRADA E LANCHE	ENTRADA E LANCHE	ENTRADA E LANCHE	ENTRADA E LANCHE
13:20 AS 14:00	MOMENTO DA ESCOLHA	MOMENTO DA ESCOLHA	MOMENTO DA ESCOLHA	CAMA ELÁSTICA E PISCINA DE BOLINHA	MOMENTO DA ESCOLHA
14:00 AS 14:30	RODINHA	RODINHA	RODINHA	RODINHA	RODINHA
14:30 AS 15:10	SOCIALIZAÇÃO DO MASCOTE	BICHONÁRIO	CAMA ELÁSTICA E PISCINA DE BOLINHA	BICHONÁRIO	JOGOS MATEMÁTICOS
15:10 AS 15:30	JANTAR	JANTAR	JANTAR	JANTAR	JANTAR
15:30 AS 15:50	BRINCADEIRAS NO PÁTIO	BRINCADEIRAS NO PÁTIO	BRINCADEIRAS NO PÁTIO	BRINCADEIRAS NO PÁTIO	BRINCADEIRAS NO PÁTIO
15:50 AS 16:00	RELAXAMENTO	RELAXAMENTO	RELAXAMENTO	RELAXAMENTO	RELAXAMENTO
16:00 AS 17:20	ARTE	VÍDEO	CORPO E MOVIMENTO	MÚSICA	MASSINHA RODONA

- **Momento da escolha:** desenho livre, jogos de montar e encaixar, manusear portadores de textos, massinha, brinquedo, fantasias, fantoches, sucatas, pintura, tecidos e acessórios, etc.